

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas**

**PARTIDO COMUNISTA DO PERU SENDERO LUMINOSO: IDEOLOGIA,  
POLÍTICA E ESTRATÉGIAS DE GUERRILHAS**

**ANGELO ANDERSON ANDRADE COIMBRA**

Belo Horizonte  
2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de Filosofia de Ciências Humanas**

**PARTIDO COMUNISTA DO PERU SENDERO LUMINOSO: IDEOLOGIA,  
POLÍTICA E ESTRATÉGIAS DE GUERRILHAS**

**ANGELO ANDERSON ANDRADE COIMBRA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Culturas Políticas da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em História e Culturas Políticas.

Orientadora: Profa. Dra.  
Adriane Vidal Costa

Belo Horizonte

2011

## Agradecimentos

Agradeço a minha orientadora professora Dra. Adriane Vidal Costa pela atenção e dedicação que teve comigo durante o processo de elaboração deste trabalho e a todos os professores do curso.

Aos meus pais Alípio Rodrigues Andrade e Teolina dos Santos Coimbra de feliz memória, aos meus irmãos e sobrinhos.

Ao meu amigo padre José Carlos Fernandez Jorajuría, que nos momentos de dúvidas me ajudou na tradução dos textos em espanhol.

De maneira especial, agradeço ao grande amigo, peruano, Alfonso Gala Garcia, que desde o primeiro momento que soube do meu interesse em desenvolver esta pesquisa sobre o Sendero Luminoso se mostrou disposto a contribuir de diversas formas: com traduções de textos em espanhol, aquisição de livros e filmes sobre o Sendero Luminoso e relatos de sua vida que coincidia com o período de atuação do Sendero.

**Resumo:**

No início da década de 80 o Peru conheceu um dos grupos mais violentos de sua história: Sendero Luminoso. Este empreendeu uma guerra de guerrilhas contra o Estado a fim de conquistar o poder pela via da luta armada. Baseado em um discurso político ideológico marxista-leninista-maoísta, pensamento Gonzalo, o partido empreendeu ações subversivas no campo e nos centros urbanos. Com o objetivo de colocar um fim nas ações senderistas, o governo realizou diversas. O embate entre estas duas forças colocou os camponeses em meio a um fogo cruzado.

Este trabalho se propõe a analisar o Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso (PCP-SL) tendo como referenciais teóricos as categorias de Cultura Política Comunista e Movimento Social da América Latina das décadas de 70 e 80. A partir disso, analisamos o repertório do discurso político e ideológico empreendido pelo PCP-SL no recrutamento de seus militantes.

Após doze anos de confronto, a guerrilha teve seu fim, com a prisão do líder senderista Abimael Guzmán. Contudo, as conseqüências desta luta deixaram marcas indeléveis na população peruana. Mesmo com o fim a guerrilha em 1992 o clima de terror ainda pairava sobre a população. Ainda hoje, o Sendero continua atuando nas serras peruanas, mas não com a mesma intensidade com que atuou na década de 80.

**Palavras-chave:** Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso - Cultura Política Comunista- movimento social.

## Índice

Introdução	04
I. Capítulo: A construção do pensamento político e ideológico do Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso (PCP-SL)	09
1.1. A trajetória política do líder do PCP-SL, Abimael Guzmán	09
1.2. A formação do PCP-SL	13
1.3. Política e ideologia: o pensamento marxista-leninista-maoísta	19
II. Capítulo: Sendero Luminoso: o início da luta armada	26
2.1. Luta armada: estratégias de guerrilha para desestabilizar o Estado	26
2.2. Camponês: a força motriz da luta armada senderista	33
III. Capítulo: As ações do Estado contra a guerrilha senderista	44
3.1. As medidas adotadas pelo Estado no combate à guerrilha	44
3.2. A prisão do líder Abimael Guzmán	53
Considerações finais	60
Referências bibliográficas	62

## INTRODUÇÃO

O Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso é o objeto sobre o qual empreendemos nossa pesquisa. Propomo-nos investigar este partido tendo em vista a relevância que sua trajetória teve e tem na história recente do Peru e todos os desdobramentos e impactos que suas ações tiveram na sociedade peruana no período de 1980 a 1992. O partido que almejava alcançar o poder, pela via da luta armada revolucionária, revolveu o campo e obrigou que o camponês assumisse uma postura diante das propostas do partido. Nos centros urbanos encontrou maior apoio entre os mais pobres e a classes médias de esquerda que formavam parte dos quadros do partido. Além disso, pesquisar a trajetória política de um partido comunista do Peru passa pelo interesse em aprofundar meus estudos sobre a esquerda latino-americana. Analisamos o Sendero Luminoso tendo como referencial teórico a categoria de movimento social<sup>1</sup> inserido na cultura política comunista<sup>2</sup>. Atentos a isto, buscamos elucidar o repertório de ações e discursos presentes neste movimento social e de que forma o movimento buscava reunir as massas em torno de um projeto político que tinha como objetivo central a tomada do poder pela via da luta armada revolucionária. O nosso problema é analisar como o discurso senderista levou centenas de camponeses, proletários e intelectuais a aderirem à sua causa.

---

<sup>1</sup> Sobre Movimentos Sociais ver: GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 7ª.ed. São Paulo: Loyola, 2008. GALVÃO, Andréia. Os movimentos sociais da América Latina em questão. *Debates*, Porto Alegre, vol.2, n°. 2, p.8-24, julho-dezembro. 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/debates/articles/view/6436/4554>>. Acesso: 30/08/210.

GALVÃO, Andréia. Ideologia e Política nos movimentos sociais da América Latina. *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americano (LASA)*, Rio de Janeiro, 11 a 14 de junho de 2009.

FERNÁNDEZ, Arturo. Estados, Movimientos Sociales y Sindicalismo en America Latina. *Em Pauta*.n°. 20, 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicações.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/162/187>>. Acesso: 30/08/2010.

TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. *Sociedade e Estado*. vol.21, n°. 1, Brasília, janeiro-abril. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 30/08/2010.

DOMINGUES, José Maurício. Os movimentos sociais latino-americanos: características e potencialidades. *Análise de Conjuntura OPSA*, n°2, Brasil, fevereiro, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/iuperj/domingues.pdf>>. Acesso: 30/08/2010.

<sup>2</sup> Sobre Cultura Política ver: BERTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre e FRANÇOIS, Jean (orgs.). Para uma história cultural. JULIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). História: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996. KUSHNIR, Karina e CARNEIRO, Leandro Piquet. As Dimensões Subjetivas da Política: cultura política e antropologia da política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 13, n°.24, 1999, P.227-250. MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O conceito de cultura política. *Anais do X Encontro Regional da ANPUH/MG*. Mariana, 1996, pp.83-91. LASAR, Marc. Forte ET fragile, immuable et changeante. La culture politique communiste: BERTEIN, Serge (org) les culture politiques en France. Par éditions Du seuil, 1999, p.217.

A questão agrária é o principal elemento reivindicado pelo movimento social Sendero Luminoso. A carência de terra por parte da população camponesa foi o elemento central que viabilizou a organização deste movimento em torno de um projeto que teve como objetivo a transformação social e política da sociedade peruana. O conflito gerado pelo movimento visava à instauração de uma nova sociedade que resgatasse os valores e costumes da população indígena camponesa, mais especificamente o “comunismo” indígena. O Sendero Luminoso então se caracteriza como movimento social devido à natureza de suas reivindicações e das ações empreendidas durante a guerrilha para alcançar seus interesses.

No Peru um dos elementos unificadores da massa camponesa indígena é a luta pela terra que foi alvo de vários motins e revoltas na região de Ayacucho, antes mesmo da guerrilha empreendida pelo Sendero. Junte-se a isso, a ideia de que ao assumir o poder, o partido instauraria uma nova sociedade, resgatando, assim, o “comunismo” indígena anterior ao processo de colonização. Para os camponeses, a sua situação de pobreza se deve a expropriação da terra realizada pelo homem branco invasor que os explora, utilizando em muitos casos a mão de obra indígena, ou deixando o mínimo necessário para a sua produção e sobrevivência. Este aspecto contribuiu para caracterizar a guerrilha senderista como um movimento milenarista, que pretendia retornar o tempo em que não haveria exploração do ser humano e que a terra seria um bem que pertenceria a comunidade e não ao indivíduo. Neste sentido, ainda que o camponês não compreendesse no primeiro momento o discurso teórico marxista-leninista-maoísta sustentado pelo partido, ele compreendia que seus anseios estavam presentes nesta proposta revolucionária. Além disso, o Sendero realizou um amplo trabalho de formação ideológica das massas. O camponês desempenhou um papel importante na guerrilha senderista e foi considerado como a força motriz do movimento. Vale ressaltar que antes de o Sendero instaurar a guerrilha, o Estado buscou dar respostas a problemática da terra enfrentada pelos camponeses, mas a reforma agrária empreendida foi insuficiente.

Enquanto movimento, o Sendero organizou vários congressos, plenárias, assembleias e criou vários comitês regionais que compuseram a estrutura organizacional do partido, definindo funções e lideranças locais. Ainda que o partido estivesse centralizado na figura do líder Abimael Guzmán, outras lideranças foram escolhidas em assembleias para ficar à frente dos comitês regionais para realizar as ações desenhadas pelo comitê central que reunia as principais lideranças do partido.

O partido contou ainda com um amplo repertório que compunha seu arcabouço teórico inserido dentro de uma estrutura que lhe permitiu alcançar as massas e colocá-las em um patamar de luta universal. O Sendero utilizou-se da foice e do martelo, assim como da cor vermelha, símbolos do comunismo colocando, assim, a guerrilha senderista como uma etapa da conquista do poder a nível internacional. Os discursos do partido, evocando as figuras de líderes comunistas reconhecidos internacionalmente como Marx, Lennin e Mao Tse-tung levou os militantes do partido a se sentirem parte de um fenômeno de alcance internacional e não apenas local. Para os senderistas, a guerrilha no Peru era parte da luta do proletariado a nível internacional.

A ideologia política do partido, então inserida em um campo de universalidade, era ao mesmo tempo única. Se por um lado o partido fazia parte de uma luta universal, os aportes das ideias originais do pensamento Gonzalo<sup>3</sup>, evocavam a univocidade. A ideologia do Sendero trazia em seu bojo algo inovador, que fazia com que a revolução peruana fosse única, embora o pensamento guia tivesse caráter de universalidade, assim como os dos três líderes comunistas citados acima. Esta forma de expressar o pensamento guia, contribuiu para que o partido se tornasse coeso e identificado com o seu líder e criasse assim, um conjunto de valores morais, crenças, regras e ideias próprio da cultura política comunista. Um tipo de comportamento próprio do grupo, capaz de ser identificado em qualquer circunstância. O jornalista Santiago Rocagliolo afirma que os militantes do Sendero se distinguiram dos demais pela disciplina rígida que tinham e apesar de estarem presos seguiam acreditando na revolução e evocando o pensamento marxista-leninista-maoísta pensamento Gonzalo<sup>4</sup>. Além disso, as ideias revolucionárias levavam os militantes a acreditarem que era necessário negar o Estado vigente, romper com os paradigmas atuais e instaurar uma nova ordem que fosse capaz de aniquilar as contradições sociais.

Esta identificação com todo o repertório do partido foi incentivada pelo próprio Guzmán e pelas demais lideranças o partido. As escolas populares cumpriam também essa função. Um militante bem formado ideologicamente deveria ser capaz de abrir mão da família, de seu ciclo de amizades e dar a própria vida por uma causa maior, morrer pela revolução e se tornar um mártir.

---

<sup>3</sup> As ideias do pensamento Gonzalo serão abordadas no terceiro ponto do primeiro capítulo.

<sup>4</sup> Cf: RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*. 5ª. ed. Buenos Aires: Debate, 2008, p. 36-37.

Este trabalho tem como fonte primária e eixo de interlocução os Documentos Fundamentais do partido e uma entrevista concedida por Abimael Guzmán ao jornal marxista *El Diálogo*, disponível no site [www.solrojo.org](http://www.solrojo.org)<sup>5</sup>. Porém, as principais fontes serão secundárias. Trabalhamos com as obras de alguns jornalistas que se dedicaram ao tema como o livro *La cuarta espada: la historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, do peruano Santiago Roncagliolo. Esta obra aborda a trajetória do partido e a vida política do líder do Sendero. Além disso, dialogamos com a obra de Gustavo Gorriti *Sendero: historia de la guerra milenaria en el Peru*, que reúne o jornalismo investigativo e a historiografia da guerrilha, contemplando uma abordagem ampla sobre o Sendero que inclui pesquisas nos arquivos da revista peruana *Caretas*, que reúne um amplo acervo sobre a guerrilha senderista; entrevistas com autoridades militares, que participaram de alguma forma na luta contra a insurgência senderista, principalmente com ex-membros do poder político da década de 80. Já o livro dos também jornalistas Alain Hertoghe e Alain Labrousse *Sendero Luminoso Peru: una reportagem*, analisa a guerrilha desde o ponto de vista jornalístico e sociológico.

A obra do escritor peruano Mario Vargas Llosa, *Contra viento y marea, Lituma nos Andes e História de Mayta*, também fizeram parte de nosso acervo, enriquecendo assim o trabalho. Utilizamos também vários artigos disponíveis apenas na internet. Percebemos no desenvolver de nosso trabalho que são escassos os materiais sobre o Sendero Luminoso no Brasil, o que dificultou, de certa forma, a realização da pesquisa.

Apesar dessas dificuldades, estruturamos nosso trabalho de maneira que o leitor possa ter uma visão ampla sobre o tema. Delimitamos o tema com a formação do partido na década de 70 na região de Ayacucho até a sua desarticulação no ano de 1992, com a prisão do líder Abimael Guzmán em Lima. Assim, segue-se uma apresentação preliminar das ideias centrais que foram desenvolvidas nos capítulos.

No primeiro capítulo evocamos a construção do pensamento político e ideológico do Partido Comunista do Peru Sendero Luminoso – PCP-SL. Desmembramos o capítulo em três tópicos: a trajetória política do líder do PCP-SL, Abimael Guzmán, no qual abordamos traços da trajetória política do líder, sua formação acadêmica e o período em que ele atuou como professor na Universidade de San Cristóbal de Huamanga, período de fundamental importância para o surgimento do partido. Em seguida, analisamos a formação do PCP-SL, mostrando quais foram às

---

<sup>5</sup> O site <http://www.solrojo.org> apóia o Sendero Luminoso divulgando seus documentos. É possível que ele seja mantido desde algum país da Europa.

motivações e o contexto político que levou a liderança do Sendero a se afastar, de certa forma, da esquerda peruana e trilhar outros caminhos. No terceiro tópico, abordamos os aspectos políticos e ideológicos do movimento, buscando elucidar de que forma ele se apropriou e desenvolveu o pensamento comunista adaptado à realidade peruana.

No segundo capítulo, “Sendero Luminoso: o início da luta armada”, analisamos na primeira parte as estratégias utilizadas pelo Sendero para desestabilizar o Estado e conquistar o poder. Elucidamos várias ações empreendidas pelo partido contra o Estado peruano, tais como: sabotagens e atentados a prédios públicos e delegacias de polícia. Na segunda parte, buscamos pormenorizar a relação estabelecida entre o partido e os camponeses. Buscando responder a seguinte questão: de que forma foi construída esta relação e quais foram as consequências e os resultados que tiveram esta relação?

No terceiro e último capítulo apresentamos as ações do Estado contra a guerrilha senderista. Iniciamos com uma abordagem sobre as medidas adotadas pelo Estado no combate à guerrilha e as estratégias e ações empreendidas pelos serviços de segurança pública do Estado no enfrentamento à guerrilha, analisando, assim, as dificuldades e os resultados obtidos na luta entre Estado *versus* Sendero. Encerramos com o tópico a prisão de Abimael Guzmán, no qual contemplamos as estratégias utilizadas pelo Grupo Especial de Inteligência (GEIN) para conseguir capturar as lideranças do Sendero. A consequência destas detenções foi à desarticulação do partido, mas não o seu fim.

## Capítulo I

### **A formação e a construção do pensamento político do Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso**

#### 1.1. A trajetória política do líder do PCP-SL, Abimael Guzmán.

Na primeira parte deste capítulo nos propomos percorrer, em linhas gerais, alguns aspectos da trajetória política de Abimael Guzmán. O homem que se tornou líder do Partido Comunista para uns ou líder de um de movimento guerrilheiro terrorista para outros. Apesar das divergências, acreditamos que Guzmán foi o líder do fenômeno mais violento ocorrido no Peru nas últimas décadas, o movimento denominado *Partido Comunista do Peru – Sendero Luminoso*.

Não é nosso objetivo fazer uma biografia de Abimael Guzmán, mesmo porque constituiria um grande desafio devido à escassez de material existente no Brasil, sobre sua vida pública e política. Buscaremos, então, apenas mostrar alguns traços de sua trajetória política.

Em entrevista concedida ao jornal peruano *El Diario* em 1988, Guzmán relatou alguns fatos que marcaram seu pensamento político e refletiu sobre a força política que tem as massas, quando são capazes de se levantar contra a ordem estabelecida ou diante de injustiças, assim se expressou:

Eu diria que o que criou motivação em mim foi à luta do povo. Tenho visto o espírito de luta do povo de Arequipa na revolução de 50, como é que a massa popular diante de um crime bárbaro de assassinar jovens responde com fúria incontrolável, como se enfrentaram com o exército e os fizeram recuar para os seus quartéis tendo que trazer forças de outros lugares para poder esmagá-los [...]. Outro fato, as lutas de 56, o povo lutou, outros traficaram, bem, isso é o que fazem os reacionários e os oportunistas; mas o povo lutou e impôs condições e teve movimentos massivos com força. Esses fatos, por exemplo, têm servido para me fazer entender o poder das massas, elas fazem a história.<sup>6</sup>

Em 1953, Abimael Guzmán ingressou na Universidade de San Agustín na cidade de Arequipa no curso de Direito. Nela, apesar do reitor ter retirado vários professores de pensamento marxista e depurado a biblioteca, as idéias revolucionárias comunistas ainda circulavam no ambiente acadêmico. Foi precisamente no meio universitário onde Guzmán conheceu melhor o pensamento marxista e pôde aprimorar e

---

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao jornal *El Diario*. Disponível em: <http://www.solrojo.org/>. Acesso: 23/08/2010. Tradução nossa.

desenvolver suas ideias sobre o comunismo, a respeito de sua formação marxista ele afirmou que “não havia professores marxistas que pudessem me formar... nem livros para ler, mas tinha os alunos; alguns alunos tinham suas idéias e obviamente as discutiam... assim, fui conhecendo algumas idéias e lendo alguns livros; assim comecei a ler”.<sup>7</sup>

Guzmán se aproxima mais do marxismo durante seu período na universidade. Apesar disso, existem controvérsias quanto o seu engajamento político. Segundo Vargas Llosa, o líder senderista já atuava no partido comunista desde a década de 50<sup>8</sup>. Já nos relatos da Comissão da Verdade<sup>9</sup>, supostamente, Guzmán teria buscado um Partido Comunista para se filiar nos tempos de sua juventude, mas foi impedido por não ser filho de operário. Já Roncagliolo afirma que apesar de Guzmán ter se aproximado do marxismo durante o período em estava na universidade, não se tem relatos sobre seu envolvimento direto com questões políticas neste momento de sua vida. Ele é mais recordado por participar de festas e por frequentar bares noturnos. Estava longe de ser reconhecido como um líder político. Ainda assim, como relata um dos seus professores, Miguel Angel Rodríguez Rivas, Guzmán era um teórico do mais alto nível e tinha grande obsessão pela política<sup>10</sup>.

Talvez precisasse de tempo para amadurecer as suas idéias e elaborar melhor seu pensamento político-social. Durante o seu período na universidade Guzmán pôde se preparar e conhecer melhor a realidade social de seu país, segundo Roncagliolo:

Um episódio arequipenho com seu professor Rodriguez Rivas mostra onde Abimael tinha seu pensamento. Aconteceu após o terremoto de 1958, quando o professor o contratou para realizar um inventário dos danos. Guzmán, talvez pela primeira vez, visitou as favelas da sua cidade e ficou horrorizado pela pobreza. Uma tarde foi fazer o informe de uma casa perto da ponte Bolognesi. Seus moradores viviam ao ar livre, nas piores condições, sem ajuda das autoridades e sem emprego. Guzmán comentou: Só o povo organizado pode fazer alguma coisa a respeito. É necessário organizar o povo<sup>11</sup>.

Guzmán era um homem preparado do ponto de vista acadêmico. Graduou-se em direito em 1961 com a tese *El estado democrático burguês*, e em filosofia com o tema

---

<sup>7</sup> GUZMÁN, Abimael. Apud: RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 36.

<sup>8</sup> Cf. VARGAS LLOSA, Mario. *Contra viento y marea (III)*. Barcelona: Seix Barral, 1990, p. 169.

<sup>9</sup> A Comissão da Verdade foi criada pelo governo para investigar e trazer à tona a verdade sobre o assassinato dos oito jornalistas ocorrida no ano de 1983 na comunidade de Uchuraccay. No segundo capítulo abordaremos este tema.

<sup>10</sup> RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*. p. 36-37.

<sup>11</sup> Idem, p. 40.

*La teoria kantiana del espacio*<sup>12</sup>. Percebe-se que ele não demonstrava maior interesse em seguir a carreira de advogado. Seu maior interesse era lecionar filosofia na faculdade. De tal forma, no ano de 1962, ele foi nomeado professor na Universidade de San Cristóbal de Huamanga, no Departamento de Ayacucho<sup>13</sup>.

Nesta Universidade, situada em uma das regiões mais pobres do Peru, Guzmán deu início à formação do Partido. O ambiente universitário em uma região pobre era o lugar apropriado para difundir a proposta revolucionária senderista, que mudaria o rumo da história do Peru. A universidade seguia os princípios do fundador do Partido Socialista do Peru, José Carlos Mariátegui, fato que também contribuiu para que o espaço acadêmico se tornasse um ambiente fértil para Guzmán e, conseqüentemente, para o Sendero Luminoso. A universidade recebia jovens de várias cidades vizinhas, estes jovens se encontravam em uma etapa da vida na qual precisavam se posicionar politicamente. Nesse sentido, a ideologia senderista foi uma opção que tentou preencher essa necessidade juvenil. Também é importante ressaltar que foi nessa época, na década de 60 e 70, havia uma efervescência da esquerda comunista no Peru. Por outro lado, esta região já havia sido palco de conflitos e resistências, o qual perdurou ao longo da história do país.<sup>14</sup>

No período em que Guzmán lecionou filosofia, ele não aspirava a cargos de importância, que pudesse levá-lo a exercer o poder. Porém, soube aproveitar o ambiente universitário para difundir a ideologia senderista<sup>15</sup>:

Abimael Guzmán nunca quis ser uma autoridade acadêmica, pois para isso, movimentava seus peões à vontade. Em contrapartida, durante a década de setenta exerceu o anódino cargo de Diretor Universitário de Pessoal, onde purificava ideologicamente os professores e funcionários. Uma tarefa similar encomendou aos seus colaboradores mais próximos, que controlavam a *Direção de Bem-estar Estudantil* e a *Direção de Ajudas e Bolsas*. Assim, o Sendero Luminoso administrava à moradia universitária, os refeitórios gratuitos, as bolsas de estudos e de pesquisas, em troca de uma submissão total<sup>16</sup>.

---

<sup>12</sup> Ibidem, p. 40-41.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>15</sup> A ideologia senderista se fundamenta no pensamento de três líderes comunistas: Marx, Lênin e Mao Tse-tung. Em linhas gerais pode-se dizer que do primeiro, o Sendero absorve a ideia de que a história da humanidade é a história de contradições e de luta de classes. Em Lênin, o partido busca uma organização estrutural do partido: organizar o partido em quadros seletos e com uma vanguarda que pensa as ações do partido. O Sendero recorre as ideias de Mao Tsetung, tendo como referência a ideia de que, assim como a China, o Peru era um país predominantemente agrário. Portanto, a revolução deveria começar no campo e envolver assim os camponeses. A ideologia senderista será abordada no terceiro ponto deste capítulo "Política e ideologia: o pensamento Marxista-leninista-maoísta".

<sup>16</sup> IWASAKI, Fernando. Apud: RONCAGLILO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 50.

Desta forma, Guzmán tentava controlar e divulgar a ideologia marxista. Além disso, o Sendero Luminoso desenvolveu uma forma de divulgar suas idéias revolucionárias<sup>17</sup> que iam além do espaço acadêmico. Os professores que atuavam na região eram formados na Faculdade de Educação da Universidade. O Sendero Luminoso desenvolveu cartilhas de alfabetização contribuindo para formar os alunos da região sul (Huancayo, Ayacucho, Apurímac) dentro das idéias senderistas:

Os livros senderistas não apresentavam foices e martelos, nem emblemas vermelhos, nem slogans políticos; dessa forma a polícia nunca os recolheu. Porém, eram sutis: em uma de suas ilustrações, o dono do pão é um gordo sem dentes; em outra, os camponeses trabalham na colheita exaustivamente, sob um sol escaldante. Assim, as crianças cresciam sensibilizadas com as diferenças sociais e representavam um terreno fértil perfeito para o doutrinamento ideológico.<sup>18</sup>

A educação aliada à pobreza da região foram os fatores que contribuíram para que o Sendero Luminoso pudesse formar e sensibilizar as pessoas para a causa revolucionária. A educação exerceu um papel preponderante neste processo. Uma parte significativa do quadro de militantes do Sendero provinha da Faculdade de Educação e colaboraram de forma massiva para o crescimento do partido. Assim, se expressou Luís Jaime Cisneros, presidente da Academia Peruana de Letras:

No Peru, os governantes nunca compreenderam o poder da educação. Como é abstrata, invisível, sempre a desprezaram. Porém, algum dia alguém terá que explicar porque o grupo mais sanguinário de nossa história foi conduzido por professores.<sup>19</sup>

A família constituída por Guzmán era o Partido. Sua vida pessoal e social se restringia, neste sentido, a uma dedicação total ao Sendero Luminoso. Estes recortes da vida do líder do PCP-SL contribuíram para entender melhor alguns traços e características da personalidade de Abimael Guzmán e da direção que ele deu ao partido. Contudo, continua sendo um desafio compreender de forma mais ampla a história deste “líder”.

Como já afirmamos, ainda se sabe pouco sobre a vida de Abimael Guzmán. Existe a possibilidade de sair à luz uma biografia escrita por ele mesmo, cujo título seria

---

<sup>17</sup> As *idéias revolucionárias* senderistas serão abordadas no terceiro tópico deste capítulo.

<sup>18</sup> RONCAGLILOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 52-53.

<sup>19</sup> IWASAKI, Fernando. Apud: RONCAGLILOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 53.

*De puño y letra*. Porém, até o momento, sabemos apenas que existem alguns manuscritos fotocopiados que são comercializados de forma clandestina no Peru.

## 1.2. A formação do PCP-SL

Para compreender melhor o surgimento do PCP-SL faz-se necessário recorrer à história da esquerda do Peru que, por sinal, é bem complexa. De antemão vale ressaltar que a esquerda peruana não se caracteriza pela unidade e no período de atuação do Sendero havia vários partidos e movimentos de esquerda.

Em 1928, José Carlos Mariátegui, um dos mais influentes intelectuais peruanos do século XX, fundou o Partido Socialista do Peru (PS) de orientação marxista. Porém, não lhe foi possível dar seguimento ao partido, já que dois anos depois da fundação ele faleceu. A obra *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* (1928) escrita por Mariátegui, na qual o autor fez uma análise sobre a sociedade peruana, influenciou o pensamento político de grande parte da esquerda peruana e serviu de base para o discurso político de Sendero Luminoso. Nesta obra, o autor analisou o Peru como um país semifeudal, de capitalismo tardio e burocrático e acreditava que a revolução socialista peruana passaria necessariamente pela questão da terra e teria como principal agente o camponês indígena. Estes, entre outros aspectos, foram absorvidos pelo Sendero Luminoso. Embora, o Sendero não abordasse diretamente as problemáticas indígenas - como a questão do racismo e a alfabetização no idioma próprio de cada etnia indígena -, ele defendia a ideia de que o principal problema social do Peru passava pela questão da terra e que o camponês era o principal agente na luta pela conquista do poder.

O Partido Comunista do Peru (PCP) exerceu pouca influência no cenário político até o início da década de 1960. O partido teve sua primeira cisão interna em 1964, após se aproximar do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O PCUS defendia a transição para o modelo socialista pela via pacífica, ideia com a qual o PCP comungava; por outro lado, os que defendiam a luta armada, tendência defendida pelos maoístas, criaram o *Partido Comunista do Peru - Bandera Roja* (PCP - Bandera Roja), assim:

[...] No Peru se polarizam, sustentando a via soviética do trânsito pacífico para o socialismo, Jorge del Prado e Raúl Acosta Barrios; e sustentando as ideias maoístas - “guerra popular prolongada para tomar o poder”-, Saturnino Paredes Macedo, Sotomayor e Abimael Guzmán. [...] Paredes e seus seguidores definem suas linhas programáticas; a sociedade peruana, afirmam, é semi-feudal e semicolonial. Propõem

assumir “imediate e plenamente” a tática e a estratégia chinesas. A guerra popular e prolongada do campo para a cidade através da eclosão de guerrilhas [...].<sup>20</sup>

Após a cisão, o PCP se tornou PCP-Unidad, pró-soviético, para se distinguir do PCP-Bandera Roja, pró-china. A unidade deste novo partido durou pouco. Após a cisão, o partido organizou uma conferência nacional na qual se chegou à conclusão de que o Peru era, ainda na segunda metade do século XX, uma sociedade “semifeudal” e pré-industrial. Portanto, a revolução deveria originar-se no interior do país até atingir os centros urbanos. Neste caso, o camponês seria o principal agente da luta armada rumo à revolução socialista. Porém, depois das acusações internas que o líder do PCP-Bandera Roja, Saturnino Paredes, sofreu o partido não conseguiu manter-se unido. Paredes foi acusado de desviar os recursos destinados à manutenção de militares do partido no interior do país e de ter feitos poucos esforços para construir um aparato militar para dar início à revolução. Porém, Paredes se defendeu dessas acusações afirmando que:

O processo contra-revolucionário gerou em nosso próprio partido o surgimento de uma linha liquidacionista que, pretendendo destruir o grande partido que fundou Mariátegui, busca prestar grande e meritório serviço aos inimigos do povo e frear assim a revolução democrática nacional em nossa pátria.<sup>21</sup>

Um das razões que sustentam a alusão ao ‘liquidacionismo’ tem a ver com a linha organizativa e política desenvolvida por Saturnino Paredes. Para seus opositores, Paredes estava esquecendo a criação de base do apoio à luta armada.<sup>22</sup>

A partir deste conflito alguns líderes do comitê da Região Central fundam, em 1967, o Partido Comunista *Patria Roja*<sup>23</sup>. Pelos mesmos motivos, mas não no mesmo momento, Abimael Guzmán, líder de agitação e propaganda do PCP- Bandera Roja, em 1970<sup>24</sup>, deixou o partido para formar a organização do PCP-SL<sup>25</sup>. Estima-se que o partido não tinha muitos militantes. Segundo Roncagliolo, no momento de sua

---

<sup>20</sup> ROJAS SAMANEZ, Alvaro. *Partidos Políticos en el Perú*: manual e registro. Lima: Centro de Documentación Andina, 1986, p. 313-314.

<sup>21</sup> PAREJAS, Piedad. Apud: ROJAS SAMANEZ, Álvaro. In: *Partidos Políticos en el Perú*, p. 317.

<sup>22</sup> ROJAS SAMANEZ, Álvaro. *Partidos Políticos en el Perú*: manual e registro, p. 317.

<sup>23</sup> TAYLOR, Lewis. *Maoísmo nos Andes*: Sendero Luminoso e o movimento guerrilheiro contemporâneo no Peru. In: Sendero Luminoso. Enrique Amayo (org). São Paulo: Revista dos Tribunais. 1988, p. 43.

<sup>24</sup> Existe certa divergência quanto à data exata dessa ruptura e formação do Sendero Luminoso. Para TAYLOR a ruptura se deu em 1970; para SAMANÉZ foi em 1969.

<sup>25</sup> TAYLOR, Lewis: *Maoísmo nos Andes*: Sendero Luminoso e o movimento guerrilheiro contemporâneo no Peru. In: *Sendero Luminoso*, p. 43.

fundação, eram apenas doze pessoas<sup>26</sup>. Possivelmente estes eram do comitê Regional de Ayacucho.

Sob a liderança de Guzmán, o Sendero Luminoso ligado ao movimento estudantil e à Universidade de Ayacucho, onde este era professor de filosofia, iniciou a formação do partido que entrou para a história do Peru como o movimento mais violento que atuou no país. Caracterizado como terrorista e revolucionário, ele despertou em parte da população - sobretudo na andina-, uma revolta sem precedentes. Revolta que expressou a opressão sofrida por um povo durante vários séculos, um povo que viu suas terras sendo confiscadas pelo homem banco que se tornaram os latifundiários do país.

No início de sua formação, o Sendero Luminoso tinha pouca participação política. Neste período, pode-se dizer que o Partido dedicou-se à formação ideológica e política de seus adeptos. Na Universidade de Ayacucho acontecia a formação dos membros do partido. Segundo Samané, “o Sendero Luminoso centraliza sua atividade proselitista nos estudantes universitários e, através deles, nos setores pobres, aproveitando sua infiltração nas fileiras do magistério”<sup>27</sup>.

Nesta formação eram estudados os textos de Mariátegui, o pensamento de Mao Tse-tung e os clássicos do pensamento marxista. Porém, dava-se maior ênfase a análise que Mariátegui fez da sociedade peruana no início do século XX:

Para Sendero Luminoso a sociedade peruana é a mesma que estudou José Carlos Mariátegui, quer dizer, semifeudal e semicolonial. Tomando isso como base, a V Plenária do Comitê Central do Partido Comunista do Peru “através do Sendero Luminoso de José Carlos Mariátegui”, analisou as forças da revolução “assentando que há duas classes básicas: o proletário e o camponês [...] e que para o processo revolucionário o povo necessita de armas, um programa e uma doutrina”<sup>28</sup>.

O Sendero, tendo como base esta Plenária e partindo do princípio de que o Peru era uma sociedade “semifeudal”, empreendeu um intenso processo de formação dos camponeses através das escolas públicas, aonde havia vários professores simpatizantes ou militantes do partido, ou através das escolas populares próprias do partido. Embora o partido tenha como principal sujeito de atuação o camponês, ele foi fundado em uma instituição de nível superior; algo que pode parecer contraditório, mas o corpo de

---

<sup>26</sup> RONCAGLILO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 78.

<sup>27</sup> ROJAS SAMANEZ, Álvaro. *Partidos Políticos en el Peru: manual e registro*, p. 323.

<sup>28</sup> Idem, p. 324-325.

professores e intelectuais ligados à universidade constituía a vanguarda do partido. Os camponeses eram o sujeito da ação, sem eles não haveria revolução. Além disso, não podemos perder de vista que os estudantes de Ayacucho não pertenciam à elite peruana. Eram alunos oriundos da própria região, filhos de pequenos comerciantes e de pequenos agricultores. Por este motivo, se identificavam com a proposta do Sendero Luminoso que abordava a problemática da terra, questão muito conhecida pelos camponeses.

A luta pela terra era uma situação conhecida e vivenciada por muitos deles, talvez não da forma como o Sendero a colocava, mas esta questão era algo próximo à sua realidade local. A busca pela transição de uma sociedade capitalista para um modelo socialista embasava toda a ação senderista. Por um lado, buscou-se no pensamento de Mariátegui a fundamentação do discurso. Este teórico socialista afirmava que o grande problema social no Peru era à expropriação das terras indígenas. Por esta via buscou-se fundamentar as bases do pensamento político do partido. Por outro lado, o pensamento de Mao Tse-Tung, pregando a luta armada para a tomada do poder, foi de suma importância para justificar a proposta revolucionária: a luta armada e o envolvimento do camponês na luta empreendida pelo Sendero.

Para Lewis Taylor, a forma como o Sendero analisava a sociedade peruana era equivocada. O Peru da segunda metade do século XX se difere em muito do apresentado por Mariátegui nos anos de 1920. O país já era uma nação moderna e industrializada e não uma neo-colônia semifeudal como afirmava o Sendero. Quanto à reforma agrária, o governo militar do General Juan Velasco Alvarado já a havia empreendido. Assim, dirá Taylor:

É obvio que essa maneira de perceber o Peru contemporâneo está definitivamente errada. Os “proprietários de terra feudais” não têm nenhuma importância no Peru atual, enquanto que a grande propriedade (“feudal” ou não), como uma força econômica e política, foi dizimada quando o governo militar promulgou uma reforma agrária radical, entre 1969 e 1976. Além das CAPs e das SAIS, a sociedade rural peruana pós-reforma agrária se caracteriza pela expansão do número de agricultores médios e *kulaks* comparativamente ricos, que coexistem com um vasto número de minifundiários semiproletarizados e trabalhadores sem terra, sendo que os proprietários de terra “feudais” se destacam por sua ausência.

Se for incorreta a avaliação feita pelo *Sendero* quanto ao peso da grande propriedade, também o é sua visão do Peru como uma sociedade predominantemente agrária. [...] Uma das conseqüências do desenvolvimento industrial do pós-guerra foi a transformação do Peru num país predominantemente capitalista e urbano, muito distanciado da sociedade agrária e “feudal” descrita por Mariátegui que, segundo o *Sendero*, corresponde à natureza da sociedade peruana hodierna.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> TAYLOR, Lewis: *Maoísmo nos Andes: Sendero Luminoso e o movimento guerrilheiro contemporâneo no Peru*. Enrique Amayo (org.). In: *Sendero Luminoso*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1988, p. 49-50.

Concordamos com a abordagem de Taylor no que tange à visão de Sendero sobre o Peru. A análise realizada por Mariátegui nos anos de 1920, não pode servir de parâmetro para o Peru de 1970 e 1980. Contudo, vale ressaltar que a reforma agrária empreendida pelo governo militar não respondeu a todas as questões da terra enfrentadas pelos camponeses. Neste sentido, a abordagem de Ricardo Melgar aponta novos horizontes para compreender a problemática da terra:

José Carlos Mariátegui não cometeu uma arbitrariedade ao colocar, em seu ensaio *El problema de la tierra*, a política governamental para as comunidades como o centro de sua avaliação histórica. Esse problema continua tendo plena vigência. Mariátegui destacou que a gestão da oligarquia *criolla* foi marcadamente contrária às comunidades. A reforma agrária feita pelo governo militar (1968-80) só beneficiou 432 comunidades, entre todas as oficialmente reconhecidas, entregando-lhes uma extensão de 862 mil hectares (ou seja, a extensão irrisória de 8,64% do total de terras adjudicadas). O balanço final do processo de reforma agrária durante o regime militar revela um dos limites de seu modelo, ou seja, seu caráter anticomunal. Foram os técnicos e os sócios das cooperativas dos complexos agropecuários e agro-industriais (em sua maioria da Costa) os que formalmente mais se beneficiaram, pois obtiveram 87% das terras envolvidas na reforma e adjudicadas através das chamadas empresas associativas (Cooperativas Agrárias de Produção e Sociedades Agrícolas de Interesse Social – SAIS).

A reforma agrária não só marginalizou as comunidades camponesas como também tornou mais agudas as contradições [...].

As terras das cooperativas e das comunidades mais débeis se tornaram o alvo das invasões de terras, por parte de camponeses pobres e de comunidades em formação ou expansão.<sup>30</sup>

A questão da terra e a relação do Sendero com os camponeses serão aprofundados no segundo capítulo deste trabalho. Contudo, é importante destacar o papel que teve essa problemática para a construção do pensamento político senderista e de que forma o partido conseguiu atrair adeptos, apropriando-se deste discurso na proposta de retomar o “comunismo agrário” andino pré-hispânico, quando as terras ainda pertenciam à comunidade e não ao indivíduo. A questão da terra sempre perpassou a realidade camponesa peruana e em outros momentos também motivou revoltas e levantes.

Embora o partido, durante este período, tenha se dedicado, por assim dizer, à sua formação interna, isso não significa que ele estivesse totalmente afastado da sociedade. A estratégia de formação do partido obedecia a uma lógica que funcionou como divulgadora de seus ideais, uma vez que os estudantes, ao concluir seus cursos, retornavam às suas cidades ou buscavam outras regiões para morar e lá se tornavam

---

<sup>30</sup> MELGAR, Ricardo. *Uma guerra etnocamponesa no Peru: Sendero Luminoso*. In: *Sendero Luminoso*, p. 133-134.

“semeadores” das ideias políticas do partido. Isso contribuiu para o fortalecimento do partido em áreas onde ele ainda não havia chegado e para a formação das células<sup>31</sup>.

Neste período, o Sendero praticamente não se envolveu com as questões políticas do país. Não se viam lideranças do Sendero envolvidas em greves ou lançando candidatos para disputar cargos políticos como fizeram os demais partidos de esquerda do Peru. A esquerda peruana ainda buscava uma unidade para conquistar o poder. Porém, para o Sendero, a única via para conquistar o poder era a luta armada. Somente um partido coeso e fortemente identificado com sua ideologia podia manter um discurso como este, sem estar necessariamente preocupado em fazer alianças, mas em recrutar novos adeptos nas escolas, universidades e sindicatos, pois uma de suas táticas era conhecer estes lugares com o intuito de divulgar suas ideias.

Talvez esta forma de atuação do Sendero, meio que às “margens das questões políticas da sociedade”, ainda que sem se afastar demais dela, formando seus líderes às vezes de forma clandestina e sem uma participação política de liderança, fez com que, num primeiro momento, ele não fosse visto como ameaça ao governo ou como um partido que tivesse credibilidade para provocar uma revolução, assim expressou Hertoghe e Labrousse:

Quando, no começo de 1980, os militantes do Sendero Luminoso organizaram uma cerimônia no grande anfiteatro da universidade de Ayacucho, para anunciar sua partida para a guerrilha, foram alvo das brincadeiras de seus colegas. Muitos destes viram naquilo a pólvora molhada de uma organização que havia perdido grande parte de sua influência no meio universitário e nos movimentos sindicais da região<sup>32</sup>.

Outra hipótese para não ter recebido credibilidade foi também sua forma de organização hermética; ou seja, a maneira de conduzir sua dinâmica interna. Trabalhar com essas duas hipóteses pode parecer contraditório, mas também pode contribuir para ilustrar a forma de como o Sendero era visto por pessoas ligadas ao partido. Como escreveu em um de seus ensaios o professor da Universidade de Ayacucho, Carlos Iván Degregori: “a estreiteza das alianças, acrescida de um vanguardismo exarcebado que exige que o partido dirija tudo, impede o Sendero de estender sua influência a novos

---

<sup>31</sup> Pequenos grupos formados por cinco a sete pessoas, preparados tecnicamente e ideológica e politicamente identificados com o partido. Posicionavam-se em lugares estratégicos de acordo com os interesses de atuação. Cada célula tinha um líder que se comunicava diretamente com as lideranças do partido, mas não havia comunicação direta entre as células ou entre os demais membros deste grupo com as lideranças do Sendero. Sem dúvida esta estratégia de guerrilha favoreceu a atuação do Sendero quando este partiu para a luta armada.

<sup>32</sup> HERTOGE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*. São Paulo: Brasiliense. 1990, p. 34.

setores”<sup>33</sup>. O partido se constituiu como uma organização político-militar, vertical e antidemocrática. Seus membros se comprometiam mediante cartas a se subordinarem às ações do presidente Guzmán e de acatar suas ordens.

Mesmo sem ter total credibilidade externa, o partido estava suficientemente organizado através de sua estrutura política para dar início à luta armada em 1980. Não havia divergência interna no partido quanto a começar ou não uma guerra de guerrilhas. A questão que se levantava era se estavam militarmente armados para empreender tal ação. De fato, o Sendero não tinha armas suficientes para iniciar a luta armada. Portanto, se armaram, utilizando paus, facões, armas recolhidas depois de ataques a postos da Guarda Civil e bombas caseiras. Outra questão debatida no interior do partido foi se a luta deveria realmente ter peso diferenciado no campo e na cidade. Havia um grupo que acreditava que a luta armada deveria começar simultaneamente, tanto no campo quanto na cidade, mas Guzmán manteve a ideia original de iniciar a luta armada no campo e depois atingir os centros urbanos. Apesar dessa diferença, aparentemente bem resolvida, o que chama a atenção é que não houve divergências quanto a começar ou não a luta armada. Havia um forte consenso de que era preciso dar a início à luta armada. A luta armada e a relação do Sendero Luminoso com os camponeses será tema de nosso segundo capítulo.

### 1.3. Política e ideologia: o pensamento Marxista-leninista-maoísta

Analisaremos neste ponto o pensamento político e ideológico do Sendero Luminoso por meio, principalmente, dos documentos do partido. Tivemos acesso a eles através do site [www.solrojo.org](http://www.solrojo.org). Porém, usamos também outras fontes que embasaram o nosso trabalho.

Assim como a trajetória do líder do Sendero Luminoso, os aspectos políticos e ideológicos do partido são de difícil acesso e pouco conhecidos. O partido não publicava na imprensa e nem divulgava seus documentos oficiais o que dificultou a produção de trabalhos mais aprofundados sobre a constituição do embasamento político e ideológico do Sendero Luminoso. No muito, o que se publicava eram apenas panfletos com alguns emblemas que poderiam ser identificados com a ideologia de esquerda, mas eram insuficientes para uma análise mais completa.

---

<sup>33</sup> DEGREGORI, Carlos Yván. Apud: HERTOGE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru*, p. 35.

A não divulgação da sua ideologia na imprensa constituía uma forma de se manter isolado do universo político do Peru e também de não estar interessado em “dar satisfação” à classe política de seu pensamento ideológico, o que contribuiu para que o Sendero permanecesse na clandestinidade.

Contudo, hoje é possível encontrar, no *site* já citado, documentos que permitem ter uma visão um pouco mais ampla sobre o pensamento político e ideológico do partido, embora ainda sejam insuficientes.

O pensamento político-ideológico do Sendero está diretamente ligado ao pensamento de Marx, Lênin e Mao Tse-tung. Para Abimael Guzmán, o Sendero luminoso se inseria na luta contra o capitalismo e visava conquistar o poder tendo como base as ideias de Marx, Lênin e Mao Tse-tung, sobretudo o pensamento maoísta. Neste ponto, Guzmán era enfático. O Sendero tinha como base a chamada terceira etapa evolutiva do marxismo, isto é, o maoísmo. Porém, reivindica também a originalidade de seu pensamento, denominado “Pensamento Gonzalo”.

Considerado como a terceira etapa do marxismo, o pensamento maoísta era visto como um desenvolvimento da teoria marxista, seguida do leninismo. Pode-se dizer que Guzmán era um seguidor de Mao Tse-tung e que encontrava no pensamento ideológico deste as bases para a revolução peruana. Nos documentos do partido podemos encontrar diversas referências ao presidente Mao:

[...] o Presidente Mao gerou, como pode se perceber na teoria e na prática, um grande salto qualitativo [...].

Na filosofia marxista desenvolveu o medular da dialética, a lei da contradição [...] e, mais ainda, levou a filosofia para as massas, cumprindo a tarefa que Marx deixara<sup>34</sup>.

Guzmán considera que o Sendero Luminoso era o único partido no mundo, naquele momento, a seguir o pensamento maoísta; e era um dos poucos a reconhecer o maoísmo como uma evolução do marxismo e adotar esta corrente ideológica no interior do partido. Para Guzmán, o Sendero se inseria na luta proletária internacional e o maoísmo era a vertente que contribuiria para esta inserção:

A ideologia do proletariado internacional, no crisol da luta de classes, insurgiu como marxismo se transformando em marxismo-leninismo e, posteriormente, em marxismo-leninismo-maoísmo. Assim, a toda poderosa ideologia científica do proletariado, toda poderosa porque é verdadeira, tem três etapas: 1) marxismo, 2) leninismo, 3) maoísmo; três etapas, momentos o fases de seu processo dialético de desenvolvimento [...], sobressaindo três luminárias: Marx, Lenin, Mao Tse-tung, mediante grandes saltos estes

---

<sup>34</sup> Documentos Fundamentales: Disponível: <http://www.solrojo.org/>. Acesso 23/08/2010.

três grandiosos nos armou com o invencível marxismo-leninismo-maoísmo, principalmente maoísmo hoje.<sup>35</sup>

Para o Sendero, reconhecer o maoísmo como uma terceira etapa do marxismo era conferir a esta um caráter de universalidade. Ou seja, este pensamento apresentava originalidade na compreensão do marxismo e poderia ser aplicado à luta do proletariado na conquista do poder em outros países. Além disso, Guzmán reconhecia no maoísmo elementos do pensamento de Mariátegui. Para ele, este seria o precursor de Mao Tse-tung. Tendo em vista a análise que Mariátegui fez da sociedade peruana, “semifeudal” e “semicolonial”, a guerra popular poderia ser aplicada apenas em países atrasados, de capitalismo burocrático e tardio, explorados pelas grandes potências capitalistas.

Para além desta analogia, era reconhecida grande originalidade ao pensamento maoísta, o primeiro a desenvolver uma teoria completa sobre a frente única e estabelecer suas leis. A frente única era a aliança entre trabalhadores, camponeses e proletários. Esta aliança deveria ser dirigida pelos proletários e o processo revolucionário conduzido pelo partido. A aliança garantiria a unidade e a hegemonia do proletário na revolução<sup>36</sup>. A frente única composta por estas classes revolucionárias constituiria uma forte união entre as classes que lutariam contra os opositores da revolução: o Estado, o imperialismo e a grande burguesia. Além de elaborar de forma completa a teoria militar da guerra popular, unindo a teoria e a prática das lutas e ações do proletariado, estabeleceu-se a estratégia de cercar as cidades desde o campo e a promoção da revolução cultural proletária após a tomada do poder: “O proletário deve fazer exatamente o contrário: deve aplicar golpes sem piedade a todos os desafios da burguesia no domínio ideológico e mudar a fisionomia espiritual de toda a sociedade utilizando suas próprias ideias, culturas, hábitos e costumes”<sup>37</sup>.

Neste sentido, a “revolução senderista”, tinha como fundamento ideológico e político os três teóricos comunistas, Marx, Lênin e Mao Tse-tung, e sua base deveria ser o partido, o exército guerrilheiro e a frente única. Como vimos, Guzmán era um maoísta. Seu conceito de revolução tinha como objetivo conquistar o poder pela via da luta armada, instaurando a ditadura do proletariado e aniquilando o velho Estado “semifeudal” e de “capitalismo burocrático”. Realizada esta etapa, se constituiria um novo Estado democrático que garantiria os direitos do povo. Estabelecendo assim, uma

---

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Ibidem.

<sup>37</sup> Ibidem.

revolução democrática que possibilitasse uma nova política, economia, educação e uma nova cultura que expressasse os valores das classes revolucionárias.

Para Guzmán, o maoísmo seria a expressão atual do marxismo no contexto das revoluções da segunda metade do século XX. Este reconhecimento foi ratificado pelo Sendero Luminoso, destacando a importância que tinha o maoísmo na construção do aparato ideológico do partido:

O Partido Comunista do Peru, através da fração dirigida pelo Presidente Gonzalo que impulsionou a reconstituição, assumiu o marxismo-leninismo-maoísmo no ano de 1966. Em 79 a consigna: defender e aplicar o marxismo-leninismo-pensamento Mao Tse-tung! Em 81: avançar com o maoísmo! E em 82, o maoísmo como parte integrante do desenvolvimento superior da ideologia do proletariado internacional: o marxismo-leninismo-maoísmo. É com a guerra popular que compreendemos mais profundamente o que implica o maoísmo e, assumido o solene compromisso de defender e aplicar o marxismo-leninismo-maoísmo, principalmente maoísmo!

Assim, da mesma forma que na teoria de Mao Tse-tung o principal era a tomada do poder por meio da violência revolucionária, e para quem a tese principal era *O poder nasce do fuzil*<sup>38</sup>, o pensamento Gonzalo terá também esta máxima, mas estabeleceu sua originalidade. Ao contrário de Mao, o pensamento Gonzalo tem como foco das ações guerrilheiras a zona rural, os centros urbanos são completos das ações das guerrilheiras.

A construção do projeto ideológico do PCP-SL seguia a lógica que derivava da existência de um líder. O pensamento deste líder deveria ser o guia das ações do partido. Assim se expressou Granados:

[...] o principal aspecto marxista é a ideologia. Como produto do enfrentamento das classes sociais, é um sistema de idéias que conta com um fim determinado: a tomada do poder. Sua força radica nela. De acordo com esse axioma fundamental, o PCP SL conta com uma ideologia, o Pensamento Gonzalo (PG), que assinala os passos a dar. O PG, dialeticamente, é o resultado da combinação de uma concepção científica (o marxismo desenvolvido) com a prática científica (a LA). Já não pode haver interpretações pessoais, pois existe a interpretação-guia. Esse é o ponto básico de divergência e diferenciação com quase todos os movimentos armados que surgiram até o momento na América Latina.<sup>39</sup>

A análise que Granados faz do pensamento Gonzalo é de que o partido, tendo um pensamento guia, não apresentava abertura para nenhuma outra proposta de pensamento. Nesse sentido, o partido ficava centralizado no pensamento guia e todo questionamento por parte dos militantes do partido era compreendido como uma

---

<sup>38</sup> Ibidem.

<sup>39</sup> GRANADOS, Manuel Jesús. *O Sendero Luminoso: aproximações a sua história e ideologia*. Revista Novos Estudos, nº 19, dezembro 1987, p. 60.

tentativa de se sobrepor ao pensamento guia o que obrigava os militantes a uma autocrítica quando, em alguns momentos, se opuseram as ideias do presidente Gonzalo. Nisso consistia o hermetismo do Sendero Luminoso o que fazia dele um partido radical. Já na reconstituição do partido, Guzmán defendia a fidelidade ao pensamento de Mariátegui e estabelecia uma linha de organização vertical, em que ele próprio seria a cabeça do partido.

A formação ideológica dos membros do Sendero se deu por meio, sobretudo, do estudo das obras de Mariátegui e de textos clássicos do marxismo. Ocorridas na Universidade de San Cristóbal de Huamanga na região de Ayacucho.

Tendo um corpo formado e ideologicamente identificado com tais propostas, disseminaram a ideologia do partido em meio aos estudantes do campo por meio de cartilhas utilizadas por professores no processo educacional.

Porém, só depois da III Plenária do Comitê Central, realizado em 1973, que o Sendero se descentralizou da Universidade, criando vários núcleos: Movimento de Camponeses Pobres, Movimento de Bairros, Movimento Feminino Popular, entre outros, que se identificavam com a ideologia do partido. Com esta movimentação, o Sendero foi conquistando seu espaço no campo. Este aspecto demarcava a diferença entre o maoísmo e o “pensamento Gonzalo”. Tal diferença foi discutida por Granados da seguinte maneira:

Uma base de apoio, na concepção de Mao, compreende uma determinada extensão territorial na qual o partido mantém um controle total sobre as atividades produtivas, sociais e políticas. No pensamento Gonzalo, a concepção de uma base de apoio assume novas modalidades. Assim, não lhes interessa principalmente o domínio territorial, mas sim a constante e efetiva presença do PCP SL num território determinado, seja de forma total (ausência de repressão), ou de forma parcial (presença ativa de repressão). Este trabalho tem como objetivo conquistar espaços, não físicos, de influência na polarização social de qualquer população.<sup>40</sup>

Guzmán, assim como outros líderes, também utilizou a estratégia do culto à personalidade. A diferença era que ele promovia este culto a sua personalidade antes mesmo de conquistar o poder. A exaltação de suas virtudes se configura também como uma forma de tornar seu pensamento inquestionável e de criar um mito sobre sua personalidade.

O Peru oferecia as condições apropriadas e o ambiente propício para uma revolução socialista. O pensamento Gonzalo estaria suficientemente preparado devido a

---

<sup>40</sup> Idem, p. 58.

seu conteúdo político e ideológico e à sua compreensão da realidade para encarar a empreitada de levar adiante a revolução no campo. Da prática e da teoria “no Pensamento Gonzalo devemos ressaltar o notável cumprimento das exigências levantadas pelo Presidente Mao: solidez teórica, compreensão da história e bom conhecimento prático da política”.<sup>41</sup>

O Pensamento Gonzalo se desenvolve em três instrumentos que dão sustentação à política e ideologia de Sendero: a linha militar, a linha internacional e a linha de massas. Todas estavam inseridas no Programa do partido e visavam contribuir para o objetivo último que era a tomada do Poder. No que se refere à linha militar, ela deveria ser o centro da linha política, porém o partido deveria estar sempre acima do militar. Era necessário que o partido estivesse preparado militarmente, uma vez que ele estava inserido em uma ofensiva mundial, a linha internacional. A luta dos camponeses no Peru, neste sentido, estava diretamente ligada à luta do proletariado a nível internacional. Partindo do princípio de que as massas fazem a história<sup>42</sup>, o partido seria o responsável por organizar as massas para lutarem pela conquista do poder:

As massas clamam por organizar a rebelião; portanto, o Partido, seus dirigentes, quadros e militantes, têm uma obrigação hoje peremptória, um destino: organizar o poder desorganizado das massas. Isso só se faz com as armas nas mãos. A massa deve ser armada aos poucos, parte por parte, até chegar ao armamento geral do povo. E quando isso acontecer, não haverá mais exploração sobre a Terra.<sup>43</sup>

Assim, finalmente, se alcançaria a “revolução democrática” que teria como objetivos, segundo o Sendero, destruir o imperialismo, o capitalismo, o latifúndio e apoiar o capital médio, chegando à instauração do novo Estado, com a ditadura conjunta do proletariado, do camponês, dos trabalhadores e pequenos burgueses.

Como vimos, Guzmán era um maoísta e seu objetivo era conquistar o poder pela via da luta armada, instaurando a ditadura do proletariado e aniquilando o velho Estado “semifeudal” e de “capitalismo burocrático”. Na sua perspectiva, realizada esta etapa, nasceria um novo Estado democrático que garantiria os direitos do povo. Uma revolução democrática que possibilitaria uma nova política, economia, educação e uma nova cultura que expressasse os valores das classes revolucionárias.

---

<sup>41</sup> Documentos Fundamentales.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Ibidem.

## Capítulo II

### **Sendero Luminoso: o início da luta armada**

#### 2.1. Luta Armada: estratégias de guerrilha para desestabilizar o Estado

A população peruana, depois de ter superado o período ditatorial com os generais das forças armadas Juan Velasco Alvarado (1968 - 1975) e Morales Bermúdez (1975 - 1980) e restabelecido a democracia com o governo civil de Fernando Belaúnde Terry, teve de enfrentar a guerra de guerrilhas empreendida pelo Sendero Luminoso que entrou para a história do país como a mais sangrenta.

Em 1980, quando o Sendero Luminoso decidiu, em assembléia, dar início à luta armada, como foi dito no capítulo anterior, não teve muita credibilidade. Neste período, muitos partidos de esquerda ameaçavam iniciar um processo revolucionário no Peru e o Sendero era visto apenas como mais um, mas não foi bem assim que aconteceu. Parecia ser o momento ideal para o PCP-SL aproveitar o período de transição de regime (ditadura a democracia) e de governo para iniciar um processo que tinha como objetivo a tomada do poder por meio da violência revolucionária. Pode-se dizer que o Sendero sabia que o governo civil, recém estabelecido, não se arriscaria a colocar de imediato as forças armadas para reprimir o movimento insurgente. Para o governo civil envolver as forças armadas no conflito contra a guerrilha era colocar em jogo o regime democrático e correr o risco de perder o apoio da população que, de maneira geral, não via nas forças armadas, naquele momento, uma instituição que transmitisse confiança.

A estratégia do PCP-SL, como consta em seus documentos, era de dar início a luta armada no campo, organizando as massas e ganhando território e posteriormente, atacar as cidades. Neste sentido, deu-se o processo revolucionário senderista. O campo, como veremos mais adiante, ocupou o lugar central de suas ações. O partido teve boa parte de seus quadros atuando nas regiões mais pobres do país.

O desafio do Sendero consistia, na primeira fase da guerrilha, em executar ações que pudessem revolver o campo, sem, contudo, provocar um desequilíbrio no Estado. Ou seja, suas ações não podiam provocar no Estado a necessidade de uma forte intervenção repressora utilizando-se das forças de ordem. O Sendero não estava preparado o suficiente, neste momento, para enfrentá-las, embora soubesse da falta de preparo das forças de ordem do país. Neste primeiro momento, como já mostramos, os senderistas armavam-se como podia, utilizando-se, muitas vezes, de armamentos

rúnicos como pau, facas, facões, bombas caseiras e dinamites roubadas de alguma mina. Considera-se o primeiro atentado assumido pelo Sendero a sabotagem das eleições no povoado de Chuschi:

Na madrugada de 17 de maio, um dia antes das eleições gerais, cinco pessoas encapuzadas entraram em uma zona eleitoral de Chuschi, dominaram e amaram o guarda e em seguida queimaram o livro de registro e as urnas preparadas para a votação do dia seguinte. A ação começou às duas da manhã e terminou em menos de meia hora. [...] Os camponeses se organizaram depois de uma assembléia rápida e realizaram uma busca nos arredores da região. Sabiam a quem buscar, pois o guarda havia reconhecido os assaltantes. Eram os mesmos rapazes que o havia ameaçado com esta operação desde o dia 15 de maio [...].

Entre as 07 e 08 horas da manhã, quatro rapazes foram capturados em uma cabana abandonada [...].

As autoridades do povoado notificaram a Cangallo, capital da província, do acontecido e um caminhão do exército chegou pouco depois e levou os detidos. Os quatro jovens foram conduzidos a Cangallo, e aí pareceu terminar o incidente. A imprensa de Ayacucho só mencionou o ocorrido quatro dias depois, sem dar importância.<sup>44</sup>

Não só a imprensa, mas também o governo, como se pode perceber, não deram muita importância a este atentado. Embora não tenha sido possível realizar as eleições neste povoado, considerou-se da mesma forma o resultado final da apuração. Não há registros de que tenha ocorrido uma apuração dos fatos por parte da polícia. Essas, entre outras ações do Sendero, ficaram restritas a região de Ayacucho, considerada a mais pobre do país e distante da capital Lima. Este também foi um motivo para que não se desse a devida importância às ações do Sendero, que também foram alvo de críticas por parte de políticos e estudiosos do tema. Segundo estes, o governo menosprezou os atentados por terem ocorrido em uma região pouco desenvolvida e de pouco interesse econômico. Além disso, segundo Gustavo Gorriti, muitas das informações enviadas pelo Sistema Nacional de Inteligência (SIN) e pela Guarda Civil (GC) ao governo militar, sobre as ações que o Sendero realizava na região de Ayacucho, em meados da década de 70, não tiveram a atenção devida<sup>45</sup>. Mais adiante retornaremos o assunto.

Chuschi não foi escolhida pelo Sendero para realizar o primeiro atentado da luta armada por mero acaso. Esta comunidade funcionava como um pólo comercial. Era o local onde se realizam as feiras da região, e, portanto, o caminho de passagem de vários camponeses de comunidades vizinhas. Foram estas as feiras que o Sendero proibiu, quando começou a exigir que os camponeses produzissem somente o necessário para a sua subsistência. Essas proibições tinham como objetivo provocar uma crise de

---

<sup>44</sup> GORRITI, Gustavo. *Sendero: historia de la guerra milenaria en el Perú*. Lima: Planeta, 2008, p. 43.

<sup>45</sup> Cf: Idem, 90.

abastecimento nos centros urbanos. Além disso, Chuschi era uma comunidade independente e relativamente próspera e não demonstrou muita abertura às ideologias senderistas:

Entre 1975 e 1980 a influência do Sendero em Chuschi cresceu consideravelmente menos se comparada a muitos outros povoados e comunidades de Cangallo e Vilcashuamán. A relativa prosperidade da comunidade, e o intercâmbio comercial constante, sua independência tradicional e, sobre tudo, a habilidade e experiências políticas dos imigrantes que tinham retornado, dificultaram o avanço. [...] Por que, então, o Sendero decidiu escolher Chuschi como o cenário para romper fogo? Creio que por razões de oportunidade: haviam decidido atacar símbolos eleitorais na região, e as urnas e os livros de registro estavam em Chuschi, e o fato de Chuschi no ser um reduto senderista era uma vantagem e não um problema.<sup>46</sup>

A transição do governo militar para a democracia era algo almejado pelos civis, mas com certo receio e desconfiança de que na última hora os militares pudessem voltar atrás. Assim, durante o período de transição, evitou-se criar conflitos. Porém, essa decisão teve suas consequências. Uma delas foi o fato de que com a transição, o governo militar levou consigo, não se sabe para onde, os arquivos de inteligência nacional. O Ministro do Interior José María de la Jara e seu vice Héctor López Martínez herdaram um ministério com arquivos vazios. É possível que nestes arquivos evacuados estivessem, além de informações obtidas sob tortura e métodos nada democráticos, informações sobre as ações desenvolvidas pelo Sendero nas serras ayacuchanas. Por parte do governo democrático causaria um mal-estar exigir documentos e informações obtidas de forma autoritária. Por este e outros motivos, Belaúnde Terry preferiu não entrar em conflito com os militares. Três anos depois o governo reclamou tais informações.

Não se trata de afirmar que o governo militar quis ocultar aos civis informações sobre o Sendero especificamente, mas junto com outros documentos que levaram, desapareceram também o pouco, mas o suficiente de informações que se tinha sobre o Sendero Luminoso:

Quanto sabia os militares a respeito do Sendero Luminoso? Sabiam ou ignoraram que a insurreição era iminente? Quando em 1983 o tema do desaparecimento dos arquivos de inteligência se fez público, umas das numerosas teorias conspirativas, que semanalmente se fez e se desfez em Lima, sustentava que os militares conheciam perfeitamente o que estava acontecendo, e que permitiram instaurar a insurreição senderista para pressionar e humilhar indiretamente o governo civil; para terem a segurança de que em determinado momento voltariam a ser chamados quando o prestígio dos civis houvesse feito a população esquecer o prestígio deles.

---

<sup>46</sup> Ibidem, p. 47.

No foi este o caso. Houve, no que diz respeito à insurreição do Sendero, um desastre dos serviços de inteligência que teve características clássicas nesse tipo de evento: a informação básica existiu e foi transmitida, mas não se deu importância. Sendero teve uma prioridade relativamente baixa nas preocupações da segurança interna do governo de Morales Bermúdez.<sup>47</sup>

Diversas notas foram enviadas ao governo informando sobre a movimentação do Sendero Luminoso e outros partidos na serra ayacuchana. Muitas delas talvez não fossem o suficientemente claras. Algumas uniam partidos rivais em ações comuns. Outras trocavam o nome dos partidos ou mesmos de pessoas envolvidas. Contudo, várias delas traziam informações suficientes para despertar no governo a necessidade de averiguar o que realmente estava acontecendo. Estas notas mencionavam treinamentos guerrilheiros, ataques a postos da guarda civil, reuniões secretas em casas de membros do partido, a intenção por parte dos guerrilheiros de dar início à luta armada, a tomada de poder e, até mesmo, de palestras realizadas por estudantes membros do Sendero em Lima. Gorriti, relata uma dessas notas:

No dia 30 de abril de 1979 uma nota do Serviço de Inteligência do Exército informava minuciosamente acerca de uma reunião clandestina em Ayacucho, na casa do dirigente camponês senderista Manuel Llamajha Mitma, entre dirigentes do Sendero, camponeses e professores de Pomacocha, Vilcashuamán e Vischongo. A informação, que necessariamente veio de um confidente presente na reunião, se referia detalhadamente aos planos do Sendero para continuar expulsando a Guarda Civil de seus postos nas províncias de Ayacucho. Indicava que bem próximo viajaria uma *“comissão de três pessoas”* a Ocos, Chumbes e Concepción, *“com a finalidade de executar o plano e evacuar a GC, tendo em vista que é muito reduzido o efetivo da GC nestes postos”*. Na reunião também se discutiu sobre o funcionamento semi-aberto das Escolas Populares em Vilcashuamán e Vischongo, de onde já tinha sido expulsa a polícia; e um dirigente camponês indicou que se encontravam *“prontos e preparados para juntos com os professores declarar a guerra civil”*.<sup>48</sup>

Houve informação o suficiente para que se evitasse o avanço do Sendero, contudo a ideia de que em um regime militar a segurança é garantida em qualquer circunstância, impediu que os militares abrissem os olhos para o que acontecia nos rincões do país. Além disso, podia imperar entre os militares o sentimento de que um movimento aparentemente camponês não teria forças para instaurar uma guerrilha contra um governo militar.

Esse foi o cenário que o Sendero Luminoso encontrou no país quando iniciou a luta armada. Uma democracia frágil, aparato militar debilitado e carente de informações para começar a agir. A consequência disso foi que as ações do Sendero, principalmente

---

<sup>47</sup> Ibidem, p. 88.

<sup>48</sup> Grifo do autor. Ibidem, p. 91.

no campo, foram ganhando força, ousadia e dimensões inesperadas. Os ataques aos postos da polícia se tornaram alvos frequentes:

A sensação de urgência na polícia reforçou quando desde o começo do ano perceberam que as delegacias estavam a caminho de se converterem no principal objetivo dos senderistas. Um dia antes do ataque a delegacia de San José de Secce a porta da delegacia de Canárias tinha sido explodida e cortaram os cabos do telégrafo. No dia 15 de janeiro, a delegacia de La Quinoa foi atacada por cerca de quinze senderistas. Os policiais reagiram e os senderistas fugiram. No dia seguinte, como anúncio de que algo estava por vir, vários senderistas lançaram foguetes contra a delegacia.<sup>49</sup>

Em muitos casos os policiais nem chegavam reagir aos ataques, à maior preocupação era em salvar suas vidas. Quando logravam este sucesso, já podiam se considerar “vitoriosos”. Por outro lado, os camponeses que não eram adeptos do Sendero, como veremos na segunda parte deste capítulo, ficavam a mercê dos senderistas. Depois dos ataques, muitos policiais abandonavam seus postos de trabalho sem oferecer nenhuma segurança ou alternativa à população.

Outras ações realizadas pelo exército guerrilheiro eram de dinamitar estradas, rodovias, torres de eletricidade e pontes. Estas ações inseriam-se no plano para desestabilizar o Estado comprometendo sua infra-estrutura e foram definidas e debatidas na segunda sessão plenária do comitê central que teve início no dia 17 de março de 1980<sup>50</sup>. O principal objetivo destas reuniões era de desenvolver e aparelhar o exército militar do partido para empreender os ataques, neste sentido, foi definido o Plano de Ações.<sup>51</sup> Para Guzmán, as condições revolucionárias já estavam dadas. O Partido estava reconstituído e organizado e as condições no campo eram favoráveis. Contava-se com o apoio das massas camponesas e a incorporação destes ao partido se daria através de um processo de mobilização, organização e politização. Além disso, houve uma intensa formação dos líderes senderistas em estratégias de guerrilhas nas escolas militares do partido. A primeira delas aconteceu no período de dois a dezenove de abril e preparou os militantes com habilidades técnicas em manejo de explosivos e armas, preparação de emboscadas e técnicas de comunicação e vigilância. No IX Plenário de sua VI Conferência Nacional, já preparado para partir para a ação, o partido toma a decisão de iniciar a luta armada<sup>52</sup>.

---

<sup>49</sup> Ibidem, p. 144-145.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>51</sup> Ibidem, p. 53.

<sup>52</sup> GRANADOS, Manuel Jesús. O Sendero Luminoso: aproximações a sua história e ideologia, p. 47.

Em Lima, a primeira ação do Sendero Luminoso ocorreu no final de dezembro de 1980. Os senderistas mataram cachorros e penduraram-nos em postes junto com frases que insultavam o então líder comunista da China, Deng Xiaoping<sup>53</sup>:

[...] o centro de Lima amanheceu enfeitado com cachorros pendurados nos postes. A polícia pensou que eles tivessem bombas, mas os cachorros só tinham cartazes que diziam: “Deng Xiaoping filho de uma cadela”. Assim, o Sendero Luminoso anunciava no campo e na cidade o começo da guerra de guerrilhas.<sup>54</sup>

Essa ação senderista foi algo que chamou a atenção da população de Lima, contudo não foi o suficiente para provocar uma intervenção do governo. Enquanto o Sendero estivesse matando cachorros e pendurando em postes e insultando líderes comunistas do Peru e de outros países que eram desconhecidos pela população peruana, ele, o Sendero, não significaria grande ameaça.

Porém, aos poucos a guerrilha foi evoluindo gradativamente nas zonas rurais e nos centros urbanos. Até maio de 1981, apesar de ainda não ter tantas vítimas, o número de atentados era significativo em várias cidades e povoados da região de Ayacucho. Pontes e estradas que interligavam as cidades foram destruídas, bombas foram colocadas em vários prédios públicos e torres de eletricidade e postes de alta tensão foram explodidos causando apagões que se tornaram comuns.

Em 1982, a cidade de Lima ficou parcialmente sem luz depois da explosão da torre da central de Mantaro<sup>55</sup>. Este foi um dos vários atentados ocorridos na capital depois do ataque do Sendero a penitenciária de Huamanga em Ayacucho no mesmo ano. Este ataque à penitenciária foi celebrado pelo partido no documento *Desarrollemos la Guerra de Guerrilha*<sup>56</sup> como uma exaltação da grande vitória da guerrilha contra o Estado do Peru. No dia 02 de março, vários senderistas disfarçados de Guardas Civis bateram a porta de um morador de Ayacucho dizendo que necessitavam do caminhão do mesmo. Este resistiu no início, mas teve que ceder. Com este caminhão, os senderistas se organizaram e dominaram parte da cidade e planejaram ataques a diversos locais da GC, Guarda Republicana, Polícia de Investigação e a residência do Presidente da Corte

---

<sup>53</sup> Para Guzmán, Deng Xiaoping era um revisionista que impediu o avanço da Revolução Cultural da China liderada pelo governo de Mao Tse-tung. Deng foi o responsável pela abertura da China ao mercado ou um socialismo de livre mercado, ideia contrária a de Mao. Guzmán acusará de revisionistas também outros líderes socialistas como Enver Hoxha da Albânia, Mikhail Gorbachov da URSS e Fidel Castro de Cuba.

<sup>54</sup> RONCAGLILO, Santiago. La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso, p. 93.

<sup>55</sup> GORRITI, Gustavo. Sendero: história de la guerra milenaria en el Perú, p.288

<sup>56</sup> Idem, p. 289.

Superior de Ayacucho, com isso, tinham o objetivo de controlar a cidade, e assim, impedir que as forças de ordem interviessem no plano de invadir a prisão<sup>57</sup>. Em menos de meia hora lograram dominar a cidade. Agindo coordenadamente, invadiram a penitenciária utilizando-se de escadas, cordas e bombas e liberaram todos os senderistas que estavam presos.

Apesar do resultado, o conflito não foi tranquilo para o Sendero Luminoso. No primeiro momento, o Sendero conseguiu dominar a situação e manter os policiais recuados, contudo a polícia conseguiu se organizar e contra-atacar:

Durante mais de meia hora toda a guarnição policial não atinou a efetuar nenhum contra-ataque coordenado, e permaneceram imobilizados dentro em seus locais. Só então o coronel Delgado Matallana logrou controlar o perímetro de seu quartel e organizar um grupo da guarda civil, sob a coordenação do capitão Guillermo Linares Bay, que se dirigiu até a prisão, onde era evidente que acontecia a operação mais importante do Sendero.<sup>58</sup>

No final do confronto, o Sendero fugiu deixando para trás seus mortos e as armas que geralmente recolhiam após os conflitos. O resultado foi perdas dos dois lados. Após o confronto, vários policiais feridos foram levados para o Hospital Regional de Huamanga, onde também se encontravam alguns senderistas internados, vítimas de confrontos anteriores. Durante essa noite, policiais invadiram o hospital e estrangularam o militante senderista Eucari Najarro, que, apesar das agressões, conseguiu sobreviver. Já os militantes Russel Wensjoe, Carlos Alcântara e Amilcar Urbay não tiveram a mesma sorte, foram executados ali mesmo perto do hospital<sup>59</sup>.

Com esse conflito, se por um lado o Sendero percebeu que não estava preparado para sair ileso de confrontos, por outro a polícia também se mostrou despreparada para lidar com tal situação. O Serviço de Inteligência da Guarda Republicana de Lima havia recebido informações sobre um ataque mais sangrento que ocorreu em primeiro de março, resultando no ferimento de Eucario Najarro e Amilcar Urbay. Contudo, a informação foi desconsiderada por não ter uma data precisa.<sup>60</sup>

Com esse ataque pode dizer-se que o Sendero encerrou uma etapa da guerrilha, a de revolver o campo eliminando as autoridades políticas, e iniciou uma mais audaciosa que se expressará no documento *Desarrollemos la Guerra de Guerrilha*. Neste

---

<sup>57</sup> Cf. Ibidem, p. 281.

<sup>58</sup> Ibidem, p. 283.

<sup>59</sup> Ibidem, p. 286.

<sup>60</sup> Cf. Ibidem, p.280.

documento, o Sendero afirmava já ter executado duas mil e novecentas ações em vinte um meses de luta armada. A partir desse momento, o partido intensificou suas ações e estabeleceu formas de governo nas áreas controladas.<sup>61</sup> Contudo, em 1982, o presidente Belaúnde decidiu encarregar às Forças Armadas de restaurar a ordem no campo.

A Declaração de Estado de Emergência de 1981 e a incursão das forças armadas em 1982 no confronto contra a subversão guerrilheira foram abordadas no capítulo seguinte. Essas ações se inserem no plano do governo de enfrentamento a guerrilha senderista.

## 2.2. Camponês: a força motriz da luta armada senderista

A proposta revolucionária empreendida pelo Sendero Luminoso tinha como principal agente o camponês. Os camponeses eram tidos pelo partido como a força motriz da luta armada, sem eles era impossível instaurar a sociedade socialista e realizar a “revolução democrática”. O envolvimento deles no processo revolucionário se tornou imprescindível. O Sendero Luminoso reconhecia no camponês peruano o potencial revolucionário que Marx encontrou no proletariado das fábricas européias. Neste sentido, o camponês se viu obrigado a tomar uma postura em relação à guerrilha: ou entrava nela e apoiava os senderistas ou tornava-se um inimigo. A terceira via, não menos arriscada, era fugir para os bairros de refugiados, correndo o risco de ser capturado ou assaltado pelas forças militares senderistas ou pelas forças de ordem do Estado.

Tendo os camponeses essas três alternativas, é incorreto afirmar que o PCP-SL foi apoiado por unanimidade pelos camponeses. Algumas comunidades se mantiveram neutras, e outras entraram em conflito contra os senderistas. Isso não significa que elas manifestassem seu apoio às forças armadas do Estado. Por outro lado, também houve comunidades que, contrárias as propostas ou as ações senderistas, formaram rondas campesinas com o apoio das forças armadas do Estado. E outras ainda manifestaram abertamente seu apoio a luta revolucionária senderista. Por reconhecerem no PCP-SL a capacidade de instaurar uma nova ordem social e por perceber na ideologia política senderista aspectos das lutas e reivindicações levantadas pelo camponês. O PCP-SL se via capaz organizar a força das massas camponesas e dirigir a luta armada

---

<sup>61</sup> Ibidem, p. 290.

revolucionária. O Sendero conhecia as reivindicações camponesas e sabia de seu potencial revolucionário, como bem destacou Guzmán em sua entrevista a *El Diario* e nos documentos do partido. O camponês indígena tem um largo histórico de envolvimento com movimentos revolucionários e contestatórios se posicionando no cenário político do Peru como uma força resistência em vários momentos da história do país, como na revolta de Tupac Amaru no final do século XVIII e na revolta anarco-comunista de 1921 a 1923 que envolveu diversos grupos étnicos: aymarás, cuzquenhos e chankas<sup>62</sup>.

Porém, a principal ou a mais contundente reivindicação indígena camponesa defendida pelo PCP-SL se referia ao problema da terra. Com a reforma agrária empreendida pelo governo militar,

[...] sete milhões de hectares são então expropriados até 1976 e reagrupados sob forma de grandes unidades cooperativas controladas pelo Estado. Porém, na prática, apenas os operários agrícolas tiram benefício dessa reforma, as comunidades indígenas vendo, ao contrário, ratificar-se o roubo das terras de que têm sido vítimas no curso dos séculos.<sup>63</sup>

Apesar disso, o Sendero não evidenciava outros elementos das reivindicações indígenas tal como a alfabetização em línguas indígenas e o fim do racismo. Talvez estes elementos pudessem ser abordados com a instauração da nova democracia nas propostas das revoluções culturais, mas não foi feita uma menção ao aspecto da língua e nem ao racismo nos documentos do partido.

Não foi por mero acaso que o Sendero se instalou em um dos estados mais pobre do país, Ayacucho. Região isolada do restante do país, situada nas Cordilheiras dos Andes, a mercê dos narcotraficantes e abandonada pelo Estado:

Esse Estado, de que a cidade com o mesmo nome é a capital, foi durante muito tempo, e continua a ser um dos mais pobres e isolados do Peru. Ele se estende no coração dos Andes centrais por quarenta e cinco quilômetros quadrados: um quarto dessa superfície é coberta por geleiras ou zonas rochosas com mais de quatro mil quinhentos metros de altitude, [...] a metade consiste em terras frias – *puna* [...]. Menos de cinco por cento da superfície do conjunto desse Estado é cultivável: entretanto, antes do começo da “guerra”, perto de sessenta por cento dos quinhentos mil habitantes vivem da agricultura e da criação de gado. A grande maioria deles pertence às comunidades indígenas tradicionais.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup>MELGAR, Ricardo: *Uma guerra etnocamponesa no Peru: Sendero Luminoso*. In: *Sendero Luminoso*, p. 127.

<sup>63</sup>HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*. p. 27.

<sup>64</sup>Idem, p. 36.

Nesse cenário de pobreza, reivindicações de cunho indigenista, abandono social e narcotráfico, o Sendero encontrou o terreno fértil para recrutar seus militantes, centralizando suas ações no campo a fim de preparar o terreno para a luta armada:

[...] Quanto aos camponeses, sofrem com o preço exorbitante dos produtos. Se produzem milho, recebem um preço miserável. Se produzem coca ficam prisioneiros das arbitrariedades dos narcotraficantes e de seus grupos armados. Sobre essa realidade atuará o Sendero Luminoso, organizando os pequenos produtores, defendendo-os dos traficantes e da exploração dos agentes governamentais.<sup>65</sup>

Recrutar camponeses não significava necessariamente que o partido era formado somente por eles ou que todo senderista era da região serrana e mestiço <sup>66</sup>. A militância se dava em diferentes aspectos. Como colaboradores, realizando rondas para vigiar a chegada das forças de ordem, contribuindo com doação de alimentos, cedendo a casa para abrigar o exército do partido ou delatando àqueles que se posicionavam favoráveis ao governo:

[...] Pesquisa sobre os detidos por “atos terroristas”, em 1985, confirma que os senderistas não são camponeses, mas “jovens instruídos”: trinta e oito por cento deles tiveram acesso ao ensino superior, trinta e sete por cento ao secundário e apenas seis por cento são analfabetos [...].<sup>67</sup>

Por outro lado, muitos camponeses ingressavam no partido compondo os seus quadros, principalmente jovens e adolescentes que pertenciam a comunidade rural e que contribuíram de forma precisa para a inserção do Sendero na zona rural. Propondo transformação social, a ideologia senderista preenchia o vazio da juventude rural sem expectativa para o futuro. Esta juventude enxergava no partido a possibilidade de realizar algo significativo e importante para a comunidade. Para o partido, era muito mais fácil lidar com a juventude que estava aberta a novas ideias e traziam consigo propostas revolucionárias, do que lidar com adultos que, na maioria das vezes, já tinham suas ideias cristalizadas.

O discurso senderista trazia em seu repertório a proposta de acabar com os inimigos dos camponeses e, assim, instaurar uma nova sociedade. A ausência do Estado em alguns setores ou sua presença de forma ineficaz em outros, contribuía para que este discurso ganhasse espaço no meio rural. As autoridades da região tais como a polícia, a

---

<sup>65</sup> SADER, Emir: Prólogo: De Ayacucho a Ayacucho. In: Sendero Luminoso Peru: uma reportagem, p.10.

<sup>66</sup> A ideia de que o partido era formado por camponeses, serranos e mestiços não condiz com a realidade e favoreceu as ações senderistas na zona urbana.

<sup>67</sup> HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. Sendero Luminoso Peru: uma reportagem, p.50-51.

guarda civil e os juízes eram tidos como inimigos do camponês; além destes, os camponeses ainda tinham que enfrentar os abígeos.<sup>68</sup> Quando os senderistas assumiram alguns territórios da zona rural, depois de expulsar policiais, guardas civis e prefeitos, passaram a adotar novas posturas em relação à organização das comunidades de forma autoritária. Por conta disso, em várias comunidades acreditava-se que o partido havia assumido o poder em todo o país e instaurado uma nova ordem. Foi neste contexto que

[...] alguns índios, depois de ter visto a guerrilha exercer seu controle sobre o vale que constitui o universo deles, pensavam que os guerrilheiros haviam tomado o poder em todo o Peru e que Gonzalo era realmente o presidente. Suas práticas autoritárias e sectárias fazem deles, de alguma forma, novos incas. A propósito destes camponeses às vezes dizem que “eles foram dominadores, mas que, pelo menos, pertenciam, à sua raça”. É a razão pela qual Yván Degregori pensa que “o Sendero Luminoso aparece como o bom patrão, uma espécie de Inkari, que, do alto, vem impor uma ordem nova, ou restaurar uma velha, mais justa, mas não necessariamente democrática.”<sup>69</sup>

Depois de contar com o apoio das comunidades camponesas e terem expulsado as autoridades do Estado nas zonas rurais, vale ressaltar que o PCP-SL chegou a expulsar até mesmo os prefeitos ligados a esquerda política. Os senderistas assumiram uma postura moralista no trato com os camponeses. Em visita às comunidades, os senderistas realizavam vários julgamentos em praças públicas, onde eram condenados os homossexuais, os acusados de roubos, de cometer adultério, de abusar dos mais fracos e os alcoólatras. Durante o julgamento, faziam-se discursos antiimperialistas, cantava-se o hino da revolução proletária e exaltava-se o pensamento Gonzalo.

Essa postura assumida pelos senderistas, aliada à luta cada vez mais acirrada de exterminar as autoridades governamentais e o radicalismo de eliminar tudo que pudesse ser associado ao capitalismo, levou o Sendero a assumir uma postura dogmática e violenta contra o próprio camponês. Na busca por uma autarquia local, o camponês deveria produzir somente o necessário ao seu sustento e, assim, não produzir excedentes para a geração de lucros, pois essa era uma prática capitalista condenável pelo Sendero. Os camponeses foram impedidos, em muitos casos, de comercializar seus produtos agrícolas nas feiras. A ideia do Sendero era fazer com que os camponeses produzissem apenas o necessário para a sua subsistência, e, assim, provocar uma crise econômica nas zonas urbanas dependentes dos produtos da zona rural. Porém, nem tudo que o camponês levava para as feiras era necessariamente excedente, em muitos casos era

---

<sup>68</sup> Abígeos são ladrões de gado da zona rural do Peru. São temidos pelo fato de andarem bem armados e agirem com a cumplicidade das autoridades locais: juízes e policiais. Cf. Lituma nos Andes, p. 62.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 66.

necessário dispor de alguns produtos (milho, batata) ou de animais (lhama, vicunha), para conseguir em troca aquilo que lhe faltava. Para o Sendero Luminoso era necessário eliminar até mesmos os pequenos proprietários rurais, pois estes poderiam se tornar os revisionistas do futuro, para evitar isso era preciso “cortar o mal pela raiz”. Havia a convicção de que a luta armada era a única via capaz conduzir a revolução socialista e a tomada do poder. Portanto, era preciso aniquilar toda e qualquer manifestação do capitalismo. Vargas Llosa em seu livro *Lituma nos Andes*<sup>70</sup>, narra que os senderistas atacaram um criadouro de vicunhas e após as matarem, afirmam para o personagem Pedrito Tinoco:

- Não gostamos de fazer isso - disse ele, modulando a voz e pondo uma mão em seu ombro. – É uma ordem da direção. Esta é uma reserva do inimigo. O nosso e o seu. Uma reserva inventada pelo imperialismo. Dentro de sua estratégia mundial, esse é o papel que impuseram a nós, peruanos: criar vicunhas. Para que seus cientistas as estudem, para que seus turistas as fotografem. Para eles, você vale menos que estes animais.

- É melhor você ir embora daqui, meu filho – aconselhou uma das moças, em quéchua, abraçando-o. – Vão aparecer policiais, virão os soldados. Vão torturá-lo e cortarão os seus bagos antes de meter-lhe uma bala na cabeça. Vá para longe bem longe.

- Talvez assim você entenda o que agora não pode entender - voltou a explicar-lhe o menino-homem, enquanto fumava, olhando as vicunhas mortas. – Isto é uma guerra, ninguém pode dizer que não tem nada a ver com isso. Tem a ver com todo mundo, incluídos os surdos e os bobos. Uma guerra para acabar com os “senhores”. Para que ninguém se ajoelhe nem beije as mãos nem os pés de ninguém<sup>71</sup>.

Lewis Taylor também relata uma situação similar praticada pelo Sendero na Universidade de Huamanga, cujo objetivo era o mesmo: aniquilar a estrutura capitalista do Estado:

[...] o ataque do *Sendero* contra a granja experimental da Universidade de Huamanga, a 3 de agosto de 1982. O motivo foi que parte dos fundos da granja Alpachaca provinha da assistência técnica holandesa. Segundo a visão do *Sendero*, tudo que vem de fora representa o ‘imperialismo’, sendo, portanto motivo de “dependência”, de “subdesenvolvimento” e inerentemente mau; sendo assim, a granja tinha de ser destruída. O Sendero entrou na granja, reuniu os 55 trabalhadores e disse-lhes que Alpachaca era um centro de exploração, e um símbolo da dominação imperialista. Depois mataram o gado de raça que tinha sido pacientemente aclimatado às condições da Cordilheira dos Andes e quebraram toda a maquinária, causando danos calculados em aproximadamente 1,5 bilhão de soles (1,25 milhão de libras esterlinas, na taxa de câmbio de agosto de 1982), e arruinando muitos anos de experimentação. Ironicamente, a granja da Universidade de Huamanga era conhecida por orientar suas pesquisas

---

<sup>70</sup> *Lituma nos Andes* é um romance de ficção que retrata a situação do camponês após a instauração da guerrilha senderista no povoado de Naccos. Tem como personagem principal o cabo Lituma que foi destacado para esta comunidade com a missão de investigar o desaparecimento de algumas pessoas. Através deste romance o Vargas Llosa traça um retrato da guerrilha senderista.

<sup>71</sup> VARGA LLOSA, Mario. *Lituma nos Andes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 47

segundo as necessidades do campesinato local, e de forma alguma trabalhava para beneficiar exclusivamente os proprietários rurais médios.<sup>72</sup>

Percebe-se nestas ações do Sendero uma postura radical em relação ao sistema capitalista, um anticapitalismo ao extremo. A destruição ou expropriação destes bens materiais não tinha como objetivo a sua redistribuição aos camponeses e sim de acabar de vez com quaisquer resquícios da sociedade capitalista para assim vigorar sem os males desta, a sociedade socialista:

Não se trata de uma expropriação para a redistribuição mais justa da propriedade e das riquezas, mas simplesmente de uma destruição para impedir qualquer alternativa de reforma e desenvolvimento fora do que se propõe o *Sendero Luminoso*. Trata-se de um anticapitalismo primitivo.<sup>73</sup>

No campo, o Sendero adotava táticas adequadas à situação local sem perder o alvo: o Estado. Neste caso, os que sofriam as conseqüências eram os camponeses. Considerando a geografia da região dos Andes, os senderistas utilizavam as montanhas como abrigo e aliado para realizar seus ataques. Vargas Llosa relata como os supostos fenômenos naturais causados pelos *huaycos*<sup>74</sup> desprendiam do alto dos Andes:

– Se todo mal é coisa do diabo, não há acasos no mundo – comentou Lituma, com ironia [...] Porque esses inimigos são os diabos, não é?  
– Também empurraram os huaycos – concluiu Adriana, apontando para as montanhas. Os huaycos! Lituma ouvira falar deles. Não caíra nenhuma por aqui, felizmente. Tentou imaginar esses deslizamentos de neve, rochas e barro, que do alto da cordilheira, desciam como uma tromba de morte, arrasando com tudo, arrastando pedras, sepultando roças, animais, aldeias, lares, famílias. Caprichos dos deuses, os huaycos?  
Dona Adriana voltou a apontar para os cimos:  
– E quem mais poderia desprender essas rochas? Quem levaria o huayco justo por onde pode fazer mais estragos?<sup>75</sup>

Neste diálogo, ainda que fictício, podem ser percebidas duas situações distintas: a primeira faz referência aos ataques do Sendero manipulados de forma que pareçam ser simplesmente fenômenos da natureza. Uma das estratégias do Sendero ao utilizar-se destes *huaycos* era de empreender suas ações guerra de guerrilhas contra a população andina e desestabilizar o Estado. Já que com estes desprendimentos de terras eram

---

<sup>72</sup> TAYLOR, Lewis: *Sendero Luminoso*. In: Maoísmo nos Andes: Sendero Luminoso e o Movimento Guerrilheiro Contemporâneo no Peru. p. 52-53.

<sup>73</sup> MONTOYA, Rodrigo. *Esquerda Unida e Sendero Luminoso: Potencialidade e Limites*. In: Sendero Luminoso, p. 21.

<sup>74</sup> Huaycos, no Peru são massas compostas de grandes pedras que as chuvas torrenciais despreendem das zonas altas dos Andes e que podem causar transbordamento ao precipitar-se nos Andes. VARGAS LLOSA, Mario. *Lituma nos Andes*. Nota do tradutor Josely Vianna Baptista, p. 38

<sup>75</sup> VARGAS LLOSA, Mario, *Lituma nos Andes*, p. 38.

atingidas as estradas que davam acesso às minas de extração de ouro exploradas pelo capital estrangeiro. A outra situação era a forma como os camponeses, neste caso Dona Adriana, utilizavam-se de figuras “mitológicas” ou religiosas para não fornecer a verdadeira razão dos fatos ocorridos na região aos militares, neste caso Lituma. Os camponeses ficavam então entre um “fogo cruzado”, de um lado senderistas, que empreendiam ataques a comunidade e a infra-estrutura do Estado e de outro, os militares que investigavam estas ações e acusavam os camponeses de serem cúmplices dos senderistas.

Desta forma, os camponeses se tornaram vítimas das ações do Sendero. Além dos ataques que afetavam a comunidade, ainda havia, como foi dito anteriormente, a busca pela autarquia local. Assim se expressou Montoya: “se juntarmos a esse bloqueio econômico a ocupação militar, não será difícil deduzir que a situação dos camponeses é bastante difícil”.<sup>76</sup>

As comunidades indígenas ficavam divididas diante de tamanha violência. De um lado, os senderistas que, embora tivessem expulsado vários inimigos dos camponeses, empreendiam ações guerrilheiras que colocavam a comunidade em risco, de outro, as forças policiais que também empregavam métodos violentos no enfrentamento a guerrilha e que, conseqüentemente, afetava as comunidades. Além disso, os abusos de autoridade por parte da polícia da guarda-civil e dos soldados eram frequentes. Furtava-se o gado dos camponeses, cometia abusos sexuais, invasão de domicílio e torturas.

A violência empreendida por ambas as partes foi sem precedentes. Porém, existe uma tendência em dizer que a brutalidade e os massacres realizados pelas forças policiais teria sido proporcionalmente maior do que a ações senderistas. As forças policiais, devido ao seu despreparo e a necessidade de dar uma resposta as autoridades militares superiores e a sociedade civil, utilizaram métodos violentos em sua abordagem aos camponeses. Outra situação que levou as forças policiais a utilizarem a violência, foram os conflitos internos entre os órgãos do governo envolvidos no combate a guerrilha. Havia uma disputa pela credibilidade e eficácia entre os vários órgãos do governo envolvidos no combate a guerrilha. Por conta disso, a violência tornou-se uma arma muito presente no enfrentamento a guerrilha. Segundo Hertoghe e Labrousse “vários massacres inicialmente atribuídos ao Sendero se revelarão obra das forças de

---

<sup>76</sup> MONTROYA, Rodrigo. *Esquerda Unida e Sendero Luminoso: Potencialidade e Limites*. In: *Sendero Luminoso*. p. 34.

ordem, como em Soccos, ao sul de Ayacucho, em novembro de 1983, onde trinta e quatro pessoas [...] foram executadas com metralhadoras no momento de uma festa.<sup>77</sup>

Por outro lado, isso não significa dizer que o Sendero Luminoso não era adepto da violência. Segundo Roncagliolo a Comissão da Verdade fez um balanço do número de mortes ocorridas no ano de 1983 e a “balança” entre as duas forças se manteve equilibrada, assim afirmou:

Em 1983, a comissão relatou “103 mortos e desaparecidos a mando das forças de ordem só em Huanta....No mesmo ano, na província de Huamanga, que estava nas mãos do Exército Peruano, ocorreram os massacres de Acocro, Chiara e Soccos, onde a guarda civil matou 37 pessoas, para mencionar só as mais graves”. Sendero não ficava atrás. Em Uchuraccay exterminarão 135 pessoas, a terceira parte da população total. Neste ano e no seguinte, as províncias do norte de Ayacucho sofreram 6.342 mortes de um e de outro lado [...]<sup>78</sup>

O Sendero Luminoso não logrou sucesso, como foi dito anteriormente, em todas as comunidades camponesas. Muitas destas buscaram se organizar para enfrentar os senderistas e por conta disso se envolveram ainda mais no fogo cruzado. Um dos conflitos que ilustram melhor esta relação nem sempre amistosa entre Sendero e camponeses ocorreu na comunidade de Uchuraccay em janeiro de 1983. O resultado deste conflito mobilizou todo o Peru, devido à crueldade, mas também por envolver jornalistas atuantes nos meios de comunicação. Por conta deste conflito que envolveu camponeses, jornalistas, guarda civil e senderistas, foi criada uma Comissão da Verdade por ordem do presidente Fernando Belaúnde Terry, liderada pelo escritor peruano Vargas Llosa para investigar o ocorrido e trazer à tona a verdade sobre os fatos. Parte do relatório, elaborado pela comissão, foi publicado no livro *Contra viento y marea (III)*, de Vargas Llosa, com o seguinte título *Sangre y Mugre de Uchuraccay*.

Uchuraccay é uma comunidade da província de Huanta na região de Ayacucho situada a 4.000 metros de altitude. Nesta aldeia os camponeses protagonizaram o massacre de oito jornalistas no dia 26 de janeiro de 1983. Um pouco antes deste fato, comunidades camponesas da região realizaram o extermínio de cerca de vinte cinco senderistas. Em Uchuraccay haviam sido exterminados cinco destes senderistas. Porém, a notícia que se vinculou nos meios de comunicação do país, no dia 23 de janeiro, foi de que a comunidade de Huaychao havia assassinado sete senderistas.<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*, p.98.

<sup>78</sup> RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 114.

<sup>79</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *Contra viento y marea (III)*, p. 99.

Por conta disso, um grupo de jornalistas tomou a decisão de ir até Huaychao para verificar o assassinato dos senderistas, mas também com a intenção de verificar se realmente o Sendero Luminoso havia destruído a torre de eletricidade de Yanaorco. Esta torre foi atacada, mas não chegou a ser destruída. Passados por esta comunidade seguiram em direção a casa da família de Juan Argumedo (guia e intérprete do grupo) oriundo da região. Lá passaram uma noite e no dia seguinte seguiram para a comunidade de Uchuraccay.

O informe da comissão liderada por Vargas Llosa chegou à conclusão de que a viagem não foi programada em segredo pelos jornalistas. Pelo contrário, a viagem foi tema de discussão no hotel onde estavam hospedados. Porém, ainda sim, as autoridades da zona de emergência afirmaram não saber da intenção dos jornalistas. No ano de 1981, a região de Ayacucho havia sido declarada pelo governo como zona de emergência devido à intensa ação dos senderistas. Por este motivo, havia, ou pelo menos deveria ter ocorrido uma atenção maior por parte das autoridades militares em se manterem informadas sobre o acesso de civis a esta região. Por isso, a comissão chegou à convicção relativa de que os militares não foram informados sobre esta viagem<sup>80</sup>.

Segundo o relatório da comissão, os camponeses afirmaram ter recebido a informação dos *sinchis*<sup>81</sup> de que se aparecessem senderistas eles deveriam se defender e matá-los:

A Comissão de Investigação tem a convicção *absoluta* de que os “*sinchis*” não investigaram sistematicamente os assassinatos, como medida de represália ou de defesa; mas sim tem a *convicção relativa* de que apoiaram tais ações de maneira isolada, de acordo com as circunstâncias [...]. No caso concreto de Uchuraccay, interpreta assim a versão dos camponeses: que os “*sinchis*” [...] em vez de materializar uma política previamente planejada e sistematicamente aplicada, responderam a quem os pedia proteção contra os senderistas: “defendam-se e mate-os”.<sup>82</sup>

O relatório da comissão apresenta convicção relativa sobre a abordagem dos camponeses aos jornalistas. Ao que parece os jornalistas foram atacados de surpresa por uma multidão de camponeses enfurecidos e assustados. Ao verem se aproximar o grupo composto por jornalistas associou estes aos senderistas que teriam vindo vingar a morte de seus companheiros. É possível que a comunidade de Uchuraccay tenha se preparado com antecedência para realizar este confronto. Desta forma, a comunidade se organizou e mobilizou outras comunidades vizinhas para enfrentar os senderistas. Para os

---

<sup>80</sup> Idem, p. 91.

<sup>81</sup> É chamado de *Sinchis* o grupo especial da Guarda Civil do Peru.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 107-108.

camponeses, realizar este confronto não seria um crime, já que a comunidade havia recebido recomendações por parte da guarda civil de que se o Sendero atacasse, a comunidade deveria se defender.

Este crime, cometido pelos camponeses por engano, ao que tudo indica, abalou a sociedade peruana. No momento em que ocorreram estes assassinatos, as ações do Sendero já haviam chegado a Lima, mas não com a mesma intensidade que ocorria no campo. Este extermínio colocou a população peruana, sobretudo a de Lima, mais próxima do conflito e levou a sociedade a exigir explicações mais claras do governo sobre os atentados. É possível também inferir que o fato de serem jornalistas, ligados a imprensa, tenha contribuído para que o fenômeno tomasse as dimensões que tomou. No momento em que estes crimes aconteceram, muitos camponeses já haviam sido vítimas ou das forças de ordem do estado ou dos senderistas, mas como estavam distante da capital do país, os crimes praticados contra essa parcela da população não tomou as mesmas proporções.

O relatório da comissão atribui a responsabilidade dos crimes contra os jornalistas a três agentes: aos senderistas, ao governo (seja através dos *sinchis* ou por negligência do poder público) e aos camponeses. Para a comissão, os senderistas foram os principais responsáveis pelo início da guerra contra a recém estabelecida democracia do Estado peruano e por envolver os camponeses em suas ações guerrilheiras, seja por meio do discurso político-ideológico ou por meio da repressão. Assim relatou a comissão:

Entre as causas imediatas deste contexto de violência, que ilumina com a luz de incêndio os sucessos de Uchuraccay, figura em primeiríssimo lugar a ação insurrecional desatada a partir de 1980 por Sendero Luminoso. A esta organização política [...] incumbe à responsabilidade de ter iniciado operações armadas de sabotagem e terrorismo que tem causado danos materiais, numerosas vítimas e perturbado profundamente toda a região ayacuchana e de maneira especial as comunidades camponesas de Huanta.<sup>83</sup>

Em entrevista a Revista peruana *Oiga*<sup>84</sup>, o escritor Vargas Llosa disse que a responsabilidade do governo se deu no âmbito da negligência, por não haver implantado na região políticas de desenvolvimento econômico e social e por se ausentar da região deixando a população a mercê dos senderistas no momento em que ela mais precisava:

---

<sup>83</sup> *Ibidem*, p.113-114.

<sup>84</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *Contra viento y marea* (III). Barcelona: Seix Barral, 1990, p.129. A entrevista *El terrorismo em Ayacucho* foi publicada originalmente em *Oiga*, Lima, nº 115.

[...] Uma das obrigações de um governo democrático é defender a democracia. E a deserção sistemática que se produz em todos os postos policiais do vale Huanta; o fato de que fechem os postos dos lugares onde ocorrem atentados e, que esta população fique desamparada e entregue praticamente a influência do Sendero, porque está longe, porque é isolada, porque ao governo não lhe interessa nesse momento reconhecer que havia subversão, essa é uma responsabilidade muito grande do governo. Tem também responsabilidade por não ter contra-atacado no plano econômico e social em uma região onde tem problemas econômicos e sociais terríveis [...].<sup>85</sup>

Segundo Vargas Llosa, o relatório da comissão não deixa muito explícito o grau de responsabilidade dos camponeses, assim ele afirmou na entrevista:

O informe não tem a intenção de exonerar os camponeses de Uchuraccay por serem primitivos. E não deixa muito clara sua responsabilidade. O único que solicita o informe é que a atuação e o comportamento destes camponeses se enquadrem dentro do contexto em que tiveram lugar. Esses homens têm sido profundamente perturbados em suas vidas diárias pelas ações dos senderistas [...]. E essa gente tem reagido como tradicionalmente tem feito quando sentem que sua vida íntima era agredida e invadida. [...]<sup>86</sup>

Apesar da intenção do governo e de alguns partidos de oposição de buscarem a verdade sobre os fatos através da investigação empreendida pela comissão, o relatório final ainda gerou muita polêmica. Alguns partidos políticos acusaram a comissão de esconder a verdade para apoiar o governo.

O que podemos perceber é que a relação do PCP-SL com os camponeses não era somente de apoio mútuo. Os camponeses de maneira geral foram vítimas do Sendero e das forças de ordem, mas também se envolveram por completo no processo revolucionário empreendido pelo partido. Talvez acreditassem mesmo que seria possível a tomada do poder e já estivessem cansados de viverem na miséria sob o jugo de latifundiários e autoridades do Estado. Muitas comunidades deixaram de existir devido à intensidade de ataques dos dois lados – Sendero e forças de ordem do governo.

---

<sup>85</sup> Idem, p.135-136.

<sup>86</sup> Ibidem, p. 136.

## Capítulo III

### As ações do Estado contra a guerrilha senderista

#### 3.1. As medidas adotadas pelo Estado no combate à guerrilha

O Estado peruano buscou diferentes formas de enfraquecer, conter e aniquilar a guerrilha senderista. Decretou estado de emergência em algumas regiões, envolveu os serviços de inteligência de várias esferas da polícia nacional e decretou a intervenção das Forças Armadas no conflito. Criou um repertório de acusações contra o PCP-SL, denominando-o como um grupo terrorista e ligando-o ao tráfico e a países de regime comunista. Para o governo, o Sendero estava ligado ao narcotráfico colombiano e peruano, e recebia apoio financeiro de Cuba e da União Soviética. Por outro lado, o Sendero acusou o governo de envolver as agências de inteligências dos Estados Unidos (CIA) e da União Soviética (KBG) nas investigações contra o partido. Quanto aos Estados Unidos, este contribuiu em vários momentos da investigação com maior ou menor sucesso. Já com a União Soviética houve, em determinados momentos, aproximações e distanciamento de alguns setores de Inteligência do governo peruano. A contribuição da União Soviética se deu em treinamento e cursos para oficiais do exército e da polícia<sup>87</sup>.

Mesmo empreendendo estas ações, considera-se que o governo do Peru demorou muito para se envolver diretamente na luta contra a guerrilha, deixando sob responsabilidade da polícia das regiões afetadas pelas ações guerrilheiras a incumbência de responder aos ataques e aniquilar os insurgentes.

O presidente Belaúnde, a pedido do ministro do Interior, José Maria de la Jara e de seu vice Héctor López Martínez, declarou estado de emergência nas regiões mais afetadas pelos ataques guerrilheiros no dia doze de outubro de 1981, após o atentado a cidade de Tambo, que resultou na invasão da delegacia da cidade e na morte de civis e policiais. A declaração se aplicou a cinco províncias do departamento de Ayacucho: Huanta, La Mar, Huamanga, Cangallo e Victor Fajardo e ficou sob o comando do General da Guarda Civil Carlos Barreto Bretone, chefe da sub-região de Huancayo.<sup>88</sup> Este teve que comandar e trabalhar em conjunto com a Guarda Republicana e a Polícia de Investigações do Peru (PIP).

---

<sup>87</sup> GORRITI, Gustavo. *Sendero: História de la guerra milenaria en el Perú*, p.351.

<sup>88</sup> Idem, p.237

A demora do presidente em tomar medidas que pudessem levar o Sendero a conter suas ações, também se devia ao receio por parte de Belaunde de não sancionar medidas que ferissem o estado democrático de direito. Contudo, o Estado não podendo ficar alheio à situação, teve que tomar uma postura oficial diante do que ocorria no país.

A constituição do Peru permitia alguns níveis de declaração de emergência. O governo escolheu o caminho intermediário que consistia em “suspender certas garantias constitucionais, toque de recolhida e ação intensiva das Forças Policiais”<sup>89</sup> nas cidades em estado de emergência. A declaração de emergência deveria durar sessenta dias a partir do dia doze de outubro de 1981. Os resultados alcançados deveriam ser o restabelecimento e a manutenção da ordem pública e a garantia de paz no prazo estabelecido.<sup>90</sup> Para alcançar estes objetivos, a força policial foi reforçada:

O grupo das forças especiais da Guarda Civil, os *sinchis*, era de 40 pessoas. O total inicial de reforços foi de 193 policiais, dos quais 32 eram oficiais. Eles se somaram a uma guarnição prévia de 677 membros das três polícias. (dos quais 466 eram da Guarda Civil). Durante o mês de outubro chegaram mais reforços a Ayacucho, com o qual o total de efetivos ascendeu para 392.

[...] O transporte dos policiais por terra se fez através de uma frota heterogênea que compreendia 10 caminhões militares que foram emprestados, três camionetes do ministério dos Transportes e uma do ministério da Educação e oito pequenas unidades próprias.

O armamento foi diverso, com predominância de pistolas metralhadoras e armas de mão, adequadas somente para combate a distâncias curtas. Em alguns comandos da polícia [...] o maior poder de fogo estava nas metralhadoras ZB-30, verdadeiras relíquias do primeiro pós-guerra [...].<sup>91</sup>

No dia treze de outubro, com estes reforços, a polícia se dirigiu para a região de Ayacucho sob o comando de Barreto. Algumas das medidas adotadas para conquistar os resultados pretendidos foram de restringir o exercício das liberdades, realizar incursões surpresa, identificar e capturar dirigentes com elementos que comprovassem o seu envolvimento com a guerrilha.<sup>92</sup>

Por um lado, o resultado das ações foi positivo. Durante dois meses não ocorreram atentados na região e não houve mortes. Conseguiu-se avançar nas investigações de atentados ocorridos anteriormente e em prender vários militantes e ativistas do Sendero. Contudo, inocentes também foram presos e a relação da população com a polícia foi alvo de grandes conflitos. Durante este período é possível que os *sinchis* e policiais da PIP, principalmente, tenham utilizado métodos de torturas

---

<sup>89</sup> Ibidem, p. 230.

<sup>90</sup> Cf: ibidem, p.240.

<sup>91</sup> Ibidem, p.241.

<sup>92</sup> Cf: Ibidem, p.242.

para conseguir informações. Assim é apresentado o tema da tortura em entrevista realizada pelo jornalista Gorriti ao general Barreto:

[...] fiz uma pergunta a Barreto que iria ter que repeti-la inúmeras vezes no futuro: Você acredita que é possível concluir que esta campanha foi vitoriosa, respeitando por sua vez os direitos humanos básicos? Sua resposta foi imediata: Tenho instruções muito claras [...] se eu pego alguém maltratando ou torturando algum preso, eu o processo imediatamente. Eu não sou adepto dessas práticas e aqueles que trabalham comigo sabem. Por outro lado [...] eu não posso estar em todas as partes. Os sinchis são difíceis. E quanto a PIP, já sabem como são.<sup>93</sup>

Vários casos de tortura foram relatados por Gorriti na revista peruana *Caretas*. Ao visitar a penitenciária da PIP, na região sob estado de emergência, o autor deparou-se com inúmeros casos. Assim relatou o jornalista sobre a situação do detido Dante Johny Cruzat:

[...] fui com o fotógrafo Oscar Medrano a sede do departamento da PIP [...] Andamos em direção a uma escada que levava ao nível inferior, onde se encontravam os calabouços e os prisioneiros. Em seguida, vimos um jovem com as mãos algemadas que subia as escadas, acompanhado por dois policiais [...]. Não parecia ter mais que 17 ou 18 anos [...]. Seu rosto se via terrivelmente inchado, e golpes recentes davam a impressão de que tinham sido aplicados sobre hematomas mais antigos. Parecia se encontrar possuído por sentimentos intensos de medo e ansiedade, mas fazia por sua vez um grande esforço para não ser totalmente vencido por estes medos [...]. Aproximei-me dele e perguntei o seu nome e porque tinha sido duramente maltratado. Ele murmurou alguma resposta, olhando-me fixamente [...]. Era claro que toda sua energia, toda sua força estavam concentradas em manter-se de pé [...].<sup>94</sup>

A continuação dos fatos que presenciou na visita a penitenciária, Gorriti relatou que um dos comandantes, ao saber que ele e o fotógrafo estavam nesta área da prisão, já neste momento conversando com outra detida, se aproximou aos gritos e travou uma discussão sobre os métodos utilizados pela polícia nos interrogatórios com os detentos. Assim ocorreu o diálogo entre os dois:

*Quer saber se torturamos?* Disse o oficial da PIP com gesto amargo e cansado, mas fazendo um esforço visível para conter a raiva. *Não, não torturamos.*  
*Como explicar então o rosto inchado de Cruzat, como explicar as declarações da mulher?*  
*Escute, disse [...]. Isso não é tortura. Isso é interrogatório [...] Não mutilamos. Temos que interrogar.*  
*Isso é interrogatório para vocês? Isso não é legal e vocês sabem.*

---

<sup>93</sup> Ibidem, p. 251.

<sup>94</sup> Ibidem, p. 251-252.

*Eu vou te dizer o que eu sei. Estava definitivamente irritado agora. Eu sei que essa gente mata, que essa gente tortura! Porque você não se preocupa com o que fazem os terroristas? Temos que prendê-los antes que eles cresçam. E para isso usam a tortura? Não torturamos! [...] Nós podemos até dar uns golpes, ou dependurá-los, ou fazer o submarino, mas isso não é tortura. Isso é tortura, senhor! Escute. Nós não lhes fazemos danos. Todos passam por um exame médico. Quando os examina, o médico legista diz que todos estão bem [...].<sup>95</sup>*

Estes casos de tortura e talvez outros abusos das autoridades policiais contribuíram para que a população se revoltasse também contra as medidas adotadas pelo governo e, ao mesmo tempo, ficasse em um fogo cruzado. E, se por um lado, o receio de que o ingresso das Forças Armadas do Exército pudesse causar danos e conflitos mais violentos e inconstitucionais, por outro, o fato dela não se envolver não impediu que excessos fossem cometidos.

Embora tenham conseguido alcançar resultados positivos, o governo não tinha a dimensão exata do poder bélico e estratégico da guerrilha. Os ataques cessaram por dois meses, mas logo após o término do estado de emergência, os senderistas atacaram em dia 12 de dezembro uma delegacia da polícia civil situado na região de Ayacucho. A guerra estava longe de terminar.

Seguindo o objetivo de conter a insurgência senderista, o Sistema Nacional de Inteligência (SIN) buscou reunir, investigar e analisar as informações que chegavam dos diversos órgãos de inteligência da polícia. Após este trabalho, o SIN tinha como objetivo distribuir estas informações para que fossem tomadas as medidas cabíveis. Neste processo, a colaboração do serviço de inteligência da GC era, ainda que desarticulado, o que mais podia contribuir, devido o grande número de agentes na corporação e a sua atuação nas mais diversas regiões do país, sobretudo em Ayacucho. Por este motivo, postos e delegacias da GC eram alvos muito perseguidos pelos senderistas.

Contudo, apesar de sua ampla atuação no território peruano, o serviço de inteligência da GC não estava suficientemente preparado para detalhar e aprofundar sua investigação sobre o Sendero Luminoso. Além desta deficiência, a rivalidade interna entre as forças policiais e a deficiência na coordenação das investigações dificultou o acesso a informação e a atuação dos órgãos de segurança pública<sup>96</sup>.

---

<sup>95</sup> Ibidem, p. 253-254.

<sup>96</sup> Cf. Ibidem, p. 339.

A partir de 1982, sob o comando do coronel da PIP, Victor Gastelú, a Dicote (Direção contra o Terrorismo) era “a única unidade de defesa do Estado que logrou resultados constantes e consistentes na luta contra o Sendero”<sup>97</sup>. Ainda que contasse com poucos recursos e infra-estrutura precária, sua atuação foi significativa, pois conseguiu estabelecer métodos de investigação e coordenar as ações. Contudo, ainda eram cometidos abusos, como mostrou Gorriti:

As primeiras prisões ocorreram sem muito critério, mas a Dicote começou a abrir pastas individuais dos suspeitos (eventualmente chegarão a ter mais de 5 mil pastas). Em algumas semanas, a inteligência foi se tornando mais precisa e as operações policiais mais específicas. Não eram feitas perseguições dos suspeitos, tanto por carência de pessoal como de comunicação. As equipes de operações saíam normalmente em missões pré-determinadas. A Dicote chegou a ter sete grupos de operações, de quatro homens cada um [...]. Os detidos eram agrupados em dois dos três quartos da Dicote. Para mantê-los incomunicáveis, era destacado um policial para cada detido, e estes eram encapuzados. Nessas condições, que já eram em si mesmas um abuso, outros excessos eram cometidos, se não eram inevitáveis, pelo menos difíceis de prevenir.<sup>98</sup>

A Dicote, por meio do então ministro do Interior, José Gagliardi Schiaffino, que assumiu o ministério após a saída de De la Jara no final de 1981, buscou informações sobre o Sendero até mesmo junto a CIA. Contudo, as informações que a CIA tinha a oferecer resultavam mínimas e a maior parte delas equivocadas<sup>99</sup>. Porém, não significa afirmar que os Estados Unidos não tenham contribuído com o processo de investigação sobre o Sendero, mais adiante mostraremos outras formas de participação dos Estados Unidos neste processo.

Apesar dos esforços da Dicote, o Sendero avançava com suas ações por todo país. O número de atentados crescia seguindo a etapa de *Implantar a Guerra de Guerrilha* prevista no documento *Desenvolver a Guerra de Guerrilha*, e a cada atentado crescia também seu poder bélico:

[...] Desde o começo virtualmente desarmado da insurreição, Sendero já tinha se apropriado, em situações violentas, de uma quantidade considerável de armamento militar, e tinha confiscado sistematicamente o armamento civil em zonas de controle. Em meados de dezembro de 1982, segundo a conta do ministério do Interior, Sendero possuía duas metralhadoras ligeiras, um fuzil de assalto, cinquenta e quatro metralhadoras, cinquenta e dois revólveres e uma quantidade indeterminada de carabinas e escopetas. Não era muito, mas o suficiente para causar um impacto considerável, contando com o ativo aparelho logístico, que movia as armas de um ponto a outro do país, de acordo com a necessidade da operação.<sup>100</sup>

---

<sup>97</sup> Ibidem, p.344.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 346.

<sup>99</sup> Ibidem, p. 350.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 389.

Diante do crescente poder bélico do Sendero e de ações cada vez mais violentas, capazes de provocar grandes estragos, surgiram várias suspeitas e acusações de que o partido era subsidiado pelo narcotráfico e por Cuba. Estas acusações surgiram ainda no ano de 1980 e ganharam reforços à medida que o nível de poder de destruição dos ataques aumentava. Acreditava-se que uma guerrilha organizada e com armamentos capazes de causar grandes estragos não seria possível somente com a organização do povo peruano, ou seja, tinha que ter algum apoio estrangeiro para poder alcançar resultados tão surpreendentes.

Por conta disso, alguns estudiosos e políticos ligaram a guerrilha senderista ao narcotráfico e a Cuba. Quanto à primeira suspeita, Granados afirmou:

[...] Tempos atrás se comentou e teorizou-se sobre uma evidente aliança de traficantes de narcóticos com o PCP SL. Fosse isso verdade, contariam com incalculáveis quantidades de dólares, que poderiam facilitar a aquisição de armas altamente sofisticadas. A realidade contradiz tais suposições. As armas sofisticadas não têm correlação com a teoria militar da guerra de guerrilhas num país atrasado. A LA na concepção marxista do PCP SL adota as armas de acordo com suas necessidades e não o contrário. Evitam assim uma dependência logística, algo muito perigoso para qualquer movimento armado. Fossem verdadeiros os comentários de uma suposta aliança com os traficantes de narcóticos, isso abriria novas e espantosas possibilidades.<sup>101</sup>

A intenção de estabelecer ligação entre Sendero Luminoso e o narcotráfico se insere também como uma tentativa do governo de desprestigiar o partido para, assim, enfraquecê-lo e contribuir para que população não manifestasse apoio ao movimento. Além disso, nas diversas áreas – zonas liberadas - onde o Sendero se fez presente de forma efetiva, o partido expulsava os traficantes ou estabelecia acordos que regulasse o preço e o repasse da folha de coca aos produtores. Este tipo de relação não significava que o partido recebesse financiamento do narcotráfico.

Quanto a Cuba, o Informe Anual do Departamento de Estado sobre os Direitos Humanos, dizia que “as ações do Sendero Luminoso se somaram no final de 1984 as do Movimento Tupac Amaru um grupo de guerrilha urbana castrista não relacionado, cujos líderes se informam que estão vinculados a Cuba”<sup>102</sup>. Nos documentos do partido, Guzmán se refere a Castro como líder revisionista e considera o Sendero Luminoso como o único movimento na América Latina, naquele momento, fiel ao pensamento marxista. O Sendero considerava que a luta armada no Peru era parte da luta revolucionária do proletariado a nível internacional, mas não de revoluções de líderes

---

<sup>101</sup> GRANADOS, Manuel Jesús. *O Sendero Luminoso: aproximações a sua história e ideologia*, p. 54.

<sup>102</sup> SAMANEZ, Álvaro Rojas. *Partidos políticos en el Perú: manual e registro*, p. 329.

revisionistas. Portanto, era possível que o PCP- SL tenha empreendido o movimento revolucionário sem a ajuda de Cuba.

De todas as acusações feitas pelo governo, merece atenção especial àquela que mostra o PCP-SL como um grupo terrorista. Se um ato terrorista pode ser qualificado como a ação de um grupo armado que ao empreender seus ataques contra o Estado em prol de seus objetivos não levam em consideração a vida de civis, o Sendero Luminoso se enquadra perfeitamente nesta classificação.

Para o escritor Vargas Llosa não resta dúvida de que o PCP-SL foi um movimento terrorista. Em seu livro *Contra viento y marea (III)* o autor se refere ao Sendero, em várias passagens, como um grupo terrorista. Segundo ele, o partido declarou guerra e a aplicou com métodos terroristas. Além disso, os senderistas se consideram no direito matar em nome de uma utopia e ideias<sup>103</sup>. Para o autor, por mais imperfeito que possa ser o sistema democrático ele ainda será superior ao sistema implantado pelos terroristas. De certa forma, o autor define o Sendero como um grupo terrorista a partir das próprias ações do grupo. Sem fazer uma apreciação conceitual e teórica sobre terrorismo.

Para Granados as ações do PCP-SL não se qualificam como terroristas. Uma vez que o partido segue uma linha ideológica e política. Suas ações fazem parte de um programa que visa objetivos específicos: desestabilizar o Estado e tomar o poder, mas para chegar a estes objetivos, as ações devem avançar gradativamente. Segundo o nosso interlocutor as ações senderistas

[...] correspondem a uma estratégia previamente delineada. Em consequência, é utilizada uma variante *sui generis* de sabotagens sistemáticas, contínuas e pequenas. Começaram as explosões em prédios de bancos, partidos políticos, escritórios públicos e privados, primeiro em escala local e em seguida nacional. Tais ações [...] forçaram o surgimento de uma infinidade de interpretações, sendo uma delas a indagação de por que não se atacavam os símbolos do Estado [...] ao invés de ficar atentando contra edifícios e torres elétricas. No início, essas ações foram catalogadas como atos dementes (fala-se, nesses tempos, da suposta loucura senderistas), e, mais tarde, cunhou-se o termo terrorismo, conceito utilizado numa política de guerra psicológica contra-insurgente. Mas não era, e desgraçadamente não é terrorismo. O terrorismo é próprio da ação de grupos que padecem da falta de uma concepção ideológica, sendo propensos a expressões de ira descontrolada e cega.<sup>104</sup>

Apesar dessa concepção de terrorismo ter relevância, somos levados a discordar desse autor. O terrorismo pode ser definido como o conjunto de ações que tem por

---

<sup>103</sup> VARGAS LLOSA, Mario. *Contra viento y marea (III)*, p. 136.

<sup>104</sup> GRANADOS, Manuel Jesús. *O Sendero Luminoso: aproximações a sua história e ideologia*, p. 53.

objetivo impor o terror e o medo na sociedade e visa, no caso do Sendero, a uma mudança de regime político sem transitar pela via democrática, ferindo, assim, o Estado social e democrático de direito. O Sendero utilizou a força e de meios violentos para tentar impor a ditadura do proletariado e alcançar seus objetivos. Além disso, vários de seus atentados tiveram como vítimas civis inocentes. O partido mesmo tendo a opção de alcançar o poder pela via legal e democrática, optou pela via armada para modificar o sistema político. Portanto, nos alinhamos com a vertente defendida por Alberto Mendes Cardoso, que diz:

[...] as ações terroristas são utilizadas, pelo normal, para influenciar, de alguma maneira, o comportamento político: seja para forçar opositores a concederem, no todo ou parte, o que seus autores querem [...]. Ou ainda para solapar governos ou instituições designados como inimigos pelos terroristas (toda a ação do “Sendero Luminoso”, nas décadas de 1980 e de 1990, destinava-se a desmoralizar, a derrubar o Governo peruano e a substituí-lo por outro de recorte marxista).<sup>105</sup>

O discurso senderista afirmava em vários momentos que seus ataques tinham o objetivo de eliminar o inimigo. Portanto, seus ataques eram direcionados a instituições públicas ou a instituições que contribuíssem de alguma forma para o desenvolvimento do capitalismo. Desta forma, os civis que estivessem inseridos nestas organizações se tornavam também alvos de seus ataques. Neste sentido, as acusações do governo, de que o Sendero era um movimento terrorista, encontra respaldo nas próprias ações senderistas.

Na luta contra o terrorismo uma das ações do governo foi decretar a incursão das forças armadas do exército na guerra. O presidente Belaunde resistiu durante todos estes anos a envolver o exército no conflito. Contudo, o atentado contra o prefeito de Humanga, César del Solar, no dia 20 de dezembro de 1982, foi a gota d’água que faltava para uma mudança de postura por parte do governo. A intervenção das forças armadas no conflito se deu um dia após o assassinato do prefeito, por meio de um Decreto Supremo do Governo que dispunha o seguinte objetivo: as forças armadas deverão assumir o controle da ordem interna na zona de emergência.<sup>106</sup>

Mesmo com a incursão das forças armadas, o conflito perdurou por muitos anos e se tornou mais violento. A repressão praticada pelas forças armadas resultou na morte de inocentes e contribuiu para que parte da população se revoltasse contra o governo e

---

<sup>105</sup> CARDOSO, Alberto Mendes. *Terrorismo e segurança em um estado social democrático de direito*. Disponível em: <http://www.cjf.jus.br/revista/numero18>. Acesso em: 20/08/2010.

<sup>106</sup> GORRITI, Gustavo. *Sendero: História de la guerra milenaria en el Perú*, p.425.

apoiasse os guerrilheiros. Hertoghe e Labrousse analisaram a estratégia militar do general Noel de combate à guerrilha da seguinte forma:

O general Noel vai então aplicar duas regras simples: não fazer prisioneiros e demonstrar a população civil que o poder das forças armadas é infinitamente maior que a da guerrilha. Por seu lado, os guerrilheiros optam por uma retirada estratégica; eles se deslocam para outras regiões ou se dispersam no meio da massa. As vítimas aparecem nos comunicados do comandante de Ayacucho como “senderistas mortos no combate” ou “camponeses massacrados pelos subversivos”. Se, em 1982, a guerra produzia duzentos mortos, essa cifra será multiplicada por dez em 1983, depois da intervenção do militares<sup>107</sup>.

Com este nível de violência, o envolvimento das Forças Armadas contribuiu para que o Sendero fosse visto como vítima, e, em consequência disso, a popularidade de Gonzalo aumentou. A estratégia militar provocou mais terror do que se esperava. Com o Sendero disperso pelo campo e refugiado em outras regiões, os militares aplicaram a violência indiscriminadamente no intuito de aniquilar os senderistas. O plano de ação do militares, segundo o ministro de guerra foi: “para cada sessenta pessoas mortas eliminar três senderistas e dizer evidentemente que todos sessenta eram senderistas”.<sup>108</sup>

A incursão dos militares durou até o final da guerrilha em 1992. Porém, com a eleição do presidente Alan García do partido Aprista<sup>109</sup>, em 1985, o governo, além de continuar contando com as ações das forças do exército, buscou também aniquilar a guerrilha investindo economicamente na região de Ayacucho. Para Alan Garcia, o problema da guerrilha se devia a falta de investimento econômico e social na região de Ayacucho. Apesar deste investimento econômico na região, as ações repressivas não diminuíram. A Dicote, por exemplo, continuava operando, e com métodos mais violentos do que do início de sua ação, assim relata Gorriti:

A cada tarde, os efetivos das oito unidades delta da Direção Contra o Terrorismo saiam em caminhões porta-tropa em busca de suspeitos. Cada delta devia vasculhar vinte casas por noite, onde vivia gente com antecedentes criminais por terrorismo. [...] Ou onde se presumia que pudesse viver simpatizantes do Sendero. Ou de organizações que se supõem ser simpatizantes, ou ideologicamente próximas ao Sendero. A cada noite, cento e sessenta portas eram derrubadas, destruídas, ou abertas a chutes [...]. Um ou dois

---

<sup>107</sup> HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*, p.96.

<sup>108</sup> Idem, p. 95.

<sup>109</sup> O Partido Aprista ou APRA (Aliança Popular Revolucionária da América) foi fundado no Peru por Víctor Raúl Haya de la Torre em 1930. A partir de 1982 assume a direção do partido Alan Garcia, que em 1985 se torna presidente do Peru. Disponível em: <http://www.apra.org.pe/historia.asp>. Acesso dia 30/11/2010.

habitantes eram retirados do sono e conduzidos até o caminhão porta-tropa, deixando para trás a família aterrorizada [...].<sup>110</sup>

Ocorre que para muitos, o problema da guerrilha no campo se dava pela pobreza. Para o então eleito presidente “a derrota do Sendero Luminoso dependerá da capacidade do Estado de tirar da miséria as massas indígenas do sul andino”.<sup>111</sup> Durante o governo de Alan García, os investimentos na região de Ayacucho aumentaram significativamente. Contudo, o projeto de levar o desenvolvimento a região não era o suficiente para controlar a guerrilha. Além disso, o projeto fracassou devido a má administração das verbas e a falta de preparação dos profissionais envolvidos, a grande maioria era membro do partido sem qualificação técnica para o trabalho no meio rural.

Já no final do governo de Alan García foi criado o Grupo Especial de Inteligência (GEIN) ligado a Dicote, que tinha como principal objetivo realizar um trabalho mais apurado de investigação no intuito de capturar o líder senderista Abimael Guzmán e colocar um fim ao Sendero Luminoso.

Várias foram as tentativas do governo no combate aos insurgentes senderistas. Algumas ações tiveram efeito imediato, mas não o suficiente para aniquilar os guerrilheiros. A falta de uma coordenação eficiente e eficaz no processo de investigação contribuiu para o fracasso de algumas ações do governo. Na guerra contra o terror, o bom uso da informação é pressuposto básico para o sucesso de qualquer operação. O Sendero soube aproveitar dessa debilidade dos serviços de segurança e em alguns casos manteve senderistas infiltrados em algumas organizações policiais.

Além disso, o nível de corrupção em alguns órgãos da polícia, o envolvimento com o narcotráfico, como foi o caso do general da PIP José Jorge Zárate, a competição interna entre os vários órgãos de segurança do Estado e o alto grau de violência empregado pelas forças repressoras do governo foram fatores que contribuíram para que a guerrilha ganhasse força e se alastrasse por todo o país.

### 3.2. A prisão de Abimael Guzmán

O GEIN, sob o comando do major Benedicto Jiménez, durante o governo de Fujimori a partir de 1992, realizou um trabalho de investigação sobre o Sendero que

---

<sup>110</sup> GORRITI, Gustavo. Apud: RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 149.

<sup>111</sup> HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*, p.103.

culminou com a prisão de Abimael Guzmán e de outras lideranças do partido. Estas prisões contribuíram para gerar uma forte crise no partido e desarticular a guerrilha. Tais fatos deixaram em evidência que o poder do partido estava centralizado nas mãos de Guzmán, já que o partido não conseguiu manter-se na guerrilha com a mesma intensidade de ações, após a prisão de seu líder. Guzmán era o cérebro da organização, sem ele ficou quase impossível manter a guerrilha. Embora, ainda hoje, existam colunas senderistas que continuam lutando no sul do país, mas não de forma organizada e coesa.

O GEIN foi criado em março de 1990 com o objetivo de colocar fim ao terrorismo, seus principais alvos eram o Sendero Luminoso e o MRTA. Vários dos policiais ligados ao comando Delta da Dicote compuseram o corpo de militares do GEIN, devido à experiência que estes tinham na área de investigação. Para lograr a captura de Abimael, o GEIN realizou várias operações de inteligência<sup>112</sup>. Estas aos poucos foram fechando o cerco em torno da liderança do partido, até culminar na operação *Vitória* que logrou o objetivo final: prender o líder senderista Abimael Guzmán. Após quase três anos de existência, o GEIN conseguiu alcançar seu objetivo. A prisão do líder senderista ficou conhecida como a captura do século. O terrorista mais perigoso do país estava preso após doze anos de intensos conflitos que envolveram militares, civis e guerrilheiros.

Segundo Jiménez a Divisão de Polícia Anti-subversiva conseguiu reunir muitas informações sobre o Sendero. Porém, até a criação do GEIN não tinha sido realizado um rigoroso trabalho de inteligência pelos diversos órgãos de investigação do governo. Além disso, a polícia não estava preparada para combater o terrorismo e buscou enfrentá-lo em confrontos diretos. Já o GEIN se pautou pelo princípio de *vencer sem lutar*<sup>113</sup>, ou seja, sem utilizar-se da violência. Para isso, buscou conhecer a PCP-SL, a sua ideologia, a sua forma de planejar os ataques e qual era a estrutura do partido, assim se pronunciou o comandante do GEIN:

Apenas a partir da criação de Gein é quando começa a perceber que para derrotar os terroristas, logicamente, deveria partir do conhecimento correto deles, conhecer a sua

---

<sup>112</sup> Foram realizadas as seguintes operações que duraram cerca de três meses cada: Isa (01 de junho de 1990), Monterrico (19 de setembro de 1990), Seso (janeiro de 1991), Caballero (31 de junho de 1991), Ancón (22 de junho de 1991), Palácio (27 de novembro de 1991) Hipócrates 1993 de março de 1992) e Moyano (13 de abril de 1992). BACCA, Benedicto Jiménez. *La captura del siglo*. Disponível em: [http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la\\_captura/](http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la_captura/). Acesso em: 20/08/2010.

<sup>113</sup> BACCA, Benedicto Jiménez. *La captura del siglo*. Disponível em: [http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la\\_captura/](http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la_captura/). Acesso em: 20/08/2010.

maneira de pensar, sentir, agir e nunca perder a perspectiva de que a organização terrorista, além de contar com uma estrutura organizacional com base em três instrumentos (o Partido, o Exército, e o Frente Único) e que as suas ações odebecem a um planejamento sistemático e persegue um item teleológica ou finalista: usar o terror para alterar a ordem democrática e desestabilizar o Estado de direito constitucional e colocá-lo objetivamente em perigo.<sup>114</sup>

Tendo como objetivo a necessidade de saber quem era o inimigo, tornou-se necessário dar maior atenção as informações. As operações que antecederam a prisão de Guzmán contribuíram para alcançar este objetivo. O comandante Jimenez relatou como encontrou uma lista com diversas informações sobre os senderistas que foram de suma importância nas investigações:

Em uma extremidade da biblioteca havia colocado os livros e manuscritos que correspondiam as diversas operações que tinha realizado o Gein: [...] Após cada operação de inteligência, a biblioteca crescia. Em 4 de junho de 1990, em um dos muitos livros que estavam na casa de Monterrico, o tenente Bonilla, agente de análise da operação, no momento em que vasculhava entre eles, encontrou uma pequena folha de papel contendo uma lista de pseudônimos, endereços e outros contatos. A análise mostrou que essa lista foi para os responsáveis pelo comitê central, uma espécie de Estado maior senderista. Este achado, sem dúvida, foi o começo do fim do Sendero Luminoso e as informações contidas era a luz que passa através das sombras que por vezes navega pela inteligência.<sup>115</sup>

O GEIN percebeu que continuar enfrentando os senderistas somente por meio de estratégias militares, não traria resultados. Conhecer o inimigo e saber com quem estava lutando era o ponto de partida para elaborar um método de inteligência e uma teoria de investigação. Era preciso fazer com que a investigação e a inteligência caminhassem unidas, em busca de um único objetivo:

Este objetivo comum deve ser alcançado através de uma teoria que contém princípios e valores nos quais a estrutura organizacional seria edificada. Assim nasceu a teoria de operações policiais de inteligência que combinam a inteligência clássica com a investigação criminal, dois elos de uma cadeia, cada um com suas características próprias, mas relacionadas, alimentavam-se mutuamente em uma espécie de reciclagem.<sup>116</sup>

Este trabalho, além de receber apoio do governo, contou com o apoio dos Estados Unidos através de financiamento das operações e de treinamentos dos militares na área de inteligência: análise de documentos, disfarces, perseguições. Todo este suporte marcou a diferença entre os trabalhos realizados pelo GEIN e os demais

---

<sup>114</sup> Idem.

<sup>115</sup> Ibidem.

<sup>116</sup> Ibidem.

serviços de inteligência, como, por exemplo, o trabalho realizado pelo SIN, que consistia em reunir informações e investigar, mas que no momento de executar, passava a tarefa para o órgão competente que podia ser GC ou a Guarda Republicana ou outra área de segurança nacional.

Se por um lado ocorriam estes processos de investigação, por outro a Dicote seguia utilizando métodos de tortura e o Sendero continuava realizando seus ataques. No dia quinze de fevereiro de 1992, o Sendero atraiu a líder comunitária da Vila El Salvador, María Elena Moyano, para uma emboscada e a exterminou. Este crime chocou o país e ganhou uma versão cinematográfica com o nome de *Coraje*, pelo diretor peruano Alberto Chicho Durant. Elena Moyano era uma líder comunitária de esquerda que criou, junto com outras mulheres, refeitórios onde era servida alimentação gratuita para a população carente. Um dos motivos para a sua morte foi o fato dela ter se negado a vincular sua organização ao Sendero. O próprio Guzmán reconhece que o partido cometeu exagero na execução de Elena Moyano. Para Elena Iparraguirre, número dois na hierarquia do partido e companheira de Guzmán, Elena Moyano delatava os senderistas, por isso sua morte era necessária, mas explodir seu corpo foi uma barbaridade desnecessária<sup>117</sup>.

Outra ação do Sendero que ocorreu nesse período, e que abalou o país, foi o atentado ocorrido na rua Tarata no bairro de classe média Miraflores. No dia dezesseis de julho de 1992, um carro bomba explodiu no centro do bairro e causou a morte de vinte e seis pessoas e deixando outras cento e cinquenta feridas. Além disso, vários prédios e casas foram destruídos ou ficaram com suas estruturas danificadas<sup>118</sup>.

A operação Vitória estava em processo desde o mês de julho, quando no dia trinta e um de agosto de 1992, o agente com o pseudônimo de Alumínio, responsável por recolher e vasculhar o lixo da casa do engenheiro Carlos Incháustegui e da bailarina Maritza Garrido Lecca, encontrou um bilhete que continha informações sobre a terceira Plenária do Comitê Central do Sendero Luminoso<sup>119</sup>. Este foi considerado pelo GEIN como o erro fatal do Sendero que culminaria na captura dos líderes do partido.

Maritza e Carlos estavam sendo observados pelo GEIN que tinha conseguido se instalar no apartamento de um coronel que vivia em frente à casa do casal. A casa ficava

---

<sup>117</sup> RONCAGLILO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p. 206.

<sup>118</sup> Idem, p. 161.

<sup>119</sup> BACCA, Benedicto Jiménez. *La captura del siglo*. Disponível em: [http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la\\_captura/](http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la_captura/). Acesso em: 20/08/2010.

no bairro de Los Sauces em Lima. Desde que havia começado a operação todos os passos do casal eram seguidos. Observou-se, por exemplo, que Carlos ao ir a padaria comprava em média dez pães, oito destes eram colocados na mochila e os outros dois eram levados na mão. E que o casal produzia demasiado lixo, e que várias vezes Maritza depositava este lixo a vários quarteirões de sua casa. O GEIN também percebeu, certa vez, que apareceu pela janela a sombra de uma pessoa que não poderia ser de nenhum dos dois, já que aparentava ser uma pessoa mais forte e o casal era bem magro<sup>120</sup>. Estas observações contribuíram para que as suspeitas em relação ao casal fossem aumentando.

No dia doze de setembro de 1992, pela noite, o GEIN invadiu a casa. Dois policiais armados arrombaram a porta e imobilizaram o casal. Em seguida, outro destacamento de policiais invadiu a casa por outra entrada e encontraram mais duas mulheres: Maria Pantoja e Laura Zambrano. Seguindo a incursão, encontram em um quarto Elena Iparraguirre e Guzmán.<sup>121</sup> Os presos foram levados para a prisão de Dicote. No dia 24 de setembro Abimael Guzmán foi apresentado à população em rede nacional no Peru. Após sua apresentação, ele foi transferido para a penitenciária de ilha de São Lourenço.

Após essas prisões o Sendero se viu desarticulado. As duas principais lideranças do partido estavam detidas, e o terceiro na hierarquia do partido, Oscar Ramírez Durand, o camarada Feliciano, estava atuando na Serra Central. Apesar disso, ele assumiu a liderança e mudou o nome do partido para Sendero Vermelho e buscou dar seguimento a guerrilha. Porém, apesar da habilidade militar que tinha, carecia de capacidade política e teórica para articular o partido.<sup>122</sup>

Além disso, a proposta de acordo de paz proposta e defendida por Guzmán, algum tempo depois de sua prisão, supostamente a pedido de Vladimiro Montesinos, assessor do presidente Fujimori, contribuiu ainda mais para que o partido perdesse forças. Em conversas pessoais com Guzmán,

Montesinos defendia a tese de que, sem Guzmán, o Sendero não era nada. E tratava de convencê-lo de que só entrariam em uma nova fase de acordos políticos se mantivessem a liderança. Assim, ainda que a guerra estivesse perdida, o partido poderia ser salvo graças a Guzmán.<sup>123</sup>

---

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> RONCAGLILO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p.163-164.

<sup>122</sup> Ibidem, p. 194-195.

<sup>123</sup> Ibidem, p. 199.

A proposta de Montesinos tinha como objetivo acabar de vez com os senderistas que seguiam lutando na selva, e Guzmán colaborou para que o acordo de paz seguisse adiante. Ele solicitou a Montesinos que fosse organizada uma assembléia com os dirigentes do partido que estavam presos com o intuito de discursar para eles sobre a necessidade do Sendero aceitar o acordo de paz, tendo em vista a desarticulação do partido. Reuniu-se então na penitenciária em que se encontrava Guzmán, vários dirigentes senderistas. A respeito deste acontecimento, um oficial relatou:

Eu vi a assembléia, e aí descobri a mediocridade dos dirigentes senderistas. Guzmán sustentou uma nova versão de suas famosas leis históricas. Disse que o século XX tinha sido de uma onda de revoluções mundiais, mas que o XXI levaria a uma retirada estratégica em todo o planeta. Então era necessário um acordo de paz. E todos ficaram de acordo. Entraram na sala gritando viva a guerra popular e saíram gritando viva ao acordo de paz [...].<sup>124</sup>

Para os que estavam na prisão, o acordo de paz era uma saída estratégica que poderia levar a algumas vantagens no processo judicial e garantir alguns direitos. A justificativa para um acordo de paz também se dava pelo fato de que muitos dos dirigentes estavam presos. Para Guzmán seria impossível levar adiante uma guerra nessa situação. Contudo, para os que ainda lutavam e acreditavam na vitória do partido o acordo de paz significou uma traição. Mais do que isto, as condições revolucionárias ainda estavam postas e o partido ainda contava com o exército popular e tinha o apoio das massas, ainda que não fosse com a mesma intensidade do início da guerrilha. O que havia mudado era o fato do líder estar preso.

A captura dos senderistas entrou para a história do Peru e foi alvo de disputa pelo mérito da operação entre os vários órgãos de segurança do país. Contudo, o presidente Alberto Fujimori foi o que mais se beneficiou com a captura dos senderistas. Ele que havia sido eleito em 1990 prometendo acabar com o terrorismo, conseguiu com as prisões, através da manipulação das informações, conquistar ainda mais a confiança da população trazendo para si o mérito das ações. É verdade que mesmo com as prisões dos líderes do Sendero e do MRTA<sup>125</sup>, continuaram acontecendo alguns atentados pelo país, mas eram bem menos e mais isolados. Fujimori utilizou-se destes atentados, com o

---

<sup>124</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>125</sup> No dia 19 de abril de 1992 foi preso o líder do MRTA Peter Cárdenas Schulte em Lima. Este foi condenado à prisão perpétua.

intuito de impor o medo na população. Ao afirmar que o terrorismo ainda não tinha acabado, ele buscou camuflar a corrupção que estava acontecendo em seu governo.

Antes mesmo destas prisões, no dia cinco de abril, Alberto Fujimori havia dado um auto-golpe de Estado dissolvendo o Parlamento Nacional, e, em 1993, seu governo foi acusado de manter o grupo de extermínio Colina que matou várias pessoas inocentes, acusadas, sem nenhuma investigação prévia, de envolvimento com o terrorismo. Em 2000, Fujimori e Montesinos afirmaram que o SIN funcionou como uma organização de tráfico de armas e chegou a entregar mais de 10.000 fuzis às FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Neste mesmo ano, após ser reeleito pela terceira vez em eleições fraudulentas, Fujimori deixou o Peru e renunciou<sup>126</sup>. Ironicamente, Montesinos se encontra preso hoje na penitenciária que ele mesmo ordenou construir, na Base Naval de Callao, ao lado de Abimael Guzmán e do camarada Feliciano<sup>127</sup>.

Acreditamos que três foram os problemas centrais que contribuíram para que o Sendero fosse desarticulado: 1) as ações empreendidas pelo governo que conseguiram causar perdas significativas na organização do partido, com a prisão de vários senderistas, deixando o partido órfão de seus líderes; 2) junte-se a isso, o fato de o Sendero perder aos poucos espaço no campo, reduto onde encontrava maior apoio; 3) a forma de organização do partido, um partido hermético, com o poder centralizado no líder. Sem a presença carismática e controladora do líder ficou difícil manter uma guerra. Todos os planos e estratégias de ação do partido passavam necessariamente por Guzmán. Porém, mais do que isso, havia uma identificação dos militantes com o seu líder. A crítica que Feliciano fez a Guzmán tem sua razão. Para este, Guzmán apenas mandava e ficava de longe observando e controlando, mas não sabia nem mesmo manejar um fuzil. Porém, ao que parece, Guzmán sabia liderar, tinha estratégia militar, política e conhecimento o suficiente para motivar e articular o partido. A guerrilha senderista agiu com um jogo de xadrez. Enquanto os piões estavam sendo derrubados, ainda existia esperança de vencer o jogo, mas quando caiu o rei, ainda que o exército estivesse de pé, o jogo estava perdido.

---

<sup>126</sup> RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*, p.163-164.

<sup>127</sup> Idem, p. 217.

## Considerações finais

Consideramos que alcançamos o objetivo de elucidar as principais temáticas que envolvem o PCP-SL, sem, contudo esgotar a complexidade que tem o tema. Ainda há muito que ser pesquisado sobre o Sendero, mesmo porque o partido ainda não encerrou sua história e continua lutando nas selvas peruanas e, ainda hoje, vez ou outra a população é surpreendida por algum ataque.

Dentro do que nos propomos realizar, conseguimos trazer a luz algumas questões pertinentes ao tema, tais como a problemática da terra e o debate sobre a possibilidade de o Sendero ser considerado um grupo terrorista. Além disso, conseguimos elucidar os principais aspectos da construção do pensamento político e ideológico do partido, suas estratégias de guerrilha e as diversas ações empreendidas pelo Estado no combate à guerrilha.

Contudo, podemos levantar uma série de outros problemas que merece atenção e pode resultar em um amplo tema de pesquisa como, por exemplo, qual foi o papel das mulheres no PCP-SL? Elas foram e são lideranças que assumiram funções de comando do partido ou agiram apenas como suporte nas ações? O Sendero se orgulha em dizer que 40% de seus militantes eram do sexo feminino e muitos militares afirmaram que elas eram mais violentas e determinadas que os homens. Seria isso verdade ou apenas parte do folclore que ronda este movimento social?

Outro problema que merece destaque é o sequestro de meninos e meninas realizados pelo Sendero, com o objetivo de formar um exército de militantes desde a mais tenra infância. Esta problemática é abordada no filme *Paloma de Papel* do diretor Fabrizio Aguilar. Recentemente, no intuito de conseguir mais material de pesquisa para este projeto, acessei o conhecido site do *youtube*<sup>128</sup> e digitei Sendero Luminoso. Tive acesso a uma série de vídeos realizados no ano de 2009. Nestes vídeos, o assim denominado “camarada José” afirma ser o líder do Sendero desde 1999. Porém, o que mais surpreende é a quantidade de meninos e meninas que recebem formação política militar para assumir, em um futuro próximo, as linhas de frente do exército popular senderista. Durante a filmagem, o repórter orienta o câmera a focar os rostos destes meninos e meninas, já que muitas famílias reclamam o sumiço de seus filhos e responsabilizam o Sendero por este desaparecimento.

---

<sup>128</sup> Disponível em: [http://www.youtube.com/watch?v=EUr\\_3OLqBsw&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=EUr_3OLqBsw&feature=related). Acesso dia 30/11/2010.

O Sendero deixou marcas profundas na sociedade peruana que serão difíceis de serem apagadas ou reconciliadas. A Comissão da Verdade e Reconciliação realizou um amplo trabalho de investigação e escutou os diversos envolvidos na guerrilha: militares, militantes do partido, camponeses e civis que de, alguma forma, tiveram suas vidas afetadas pela guerrilha. Com isso preparou um dossiê com cerca de cinco mil páginas com relatos e sugestões de medidas que o governo deveria tomar contra aqueles que cometeram algum crime ou delito durante a guerrilha, mas pouco tem sido feito pelo governo. Algumas das principais lideranças como Abimael Guzmán e Elena Iparraguirre foram condenados a prisão perpétua, mas outros militares e senderistas ainda aguardam julgamento.

O Estado peruano considera o Informe Final da Comissão da Verdade e Reconciliação como a versão oficial dos fatos que ocorreram durante os anos da guerrilha. Este Informe é sem dúvida uma importante fonte de pesquisa sobre o qual pretendo me dedicar no futuro.

Segundo o Informe, a guerrilha deixou 69.280 mortos durante o período de 1980 a 1992. Sabendo ainda que esta cifra poderá aumentar caso o Sendero continue de fato atuando. Constitui um desafio para os próximos governos reconciliar uma sociedade que viu parte de sua população ser exterminada em prol de um projeto que deveria trazer a sociedade justiça e igualdade.

## Referências Bibliográficas

- ALIMONDA, Héctor. *José Carlos Mariátegui*. São Paulo: Brasiliense. 1983. (Coleção Encanto Radical, 36).
- AMAYO, Enrique (org.). *Sendero Luminoso*. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1988.
- BERTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOX, Jean Pierre e FRANÇOIS, Jean (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- CARDOSO, Alberto Mendes. Terrorismo e segurança em um Estado social democrático de direito. *CEJ*, Brasília, nº.18, p.47-53, julho-setembro.2002. Disponível em: <<http://www.cjf.jus.br/revista/numero18/artigo10.pdf>>. Acesso: 20/08/2010.
- CORREA, Marcial Rubio. Militares y Sendero Luminoso Frente al Sistema Democrático Peruano. *Estudios Políticos* (Nueva Época). nº. 53, setembro –outubro, 1986. Disponível em: <[http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Fy9mComv.TKUJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as\\_sdt=2000](http://74.125.155.132/scholar?q=cache:Fy9mComv.TKUJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=2000)>. Acesso: 23/03/2010.
- COTLER, Julio. El Sendero Luminoso de la destrucción. *Nueva Sociedad*. nº. 150, julio-agosto, 1997, pp. 90-97. Disponível em: <[http://www.nuso.org/upload/articulos/2613\\_1.pdf](http://www.nuso.org/upload/articulos/2613_1.pdf)>. Acesso: 25/03/2010.
- DEGREGORI, Carlos Ivan. Discurso y violencia política em Sendero Luminoso. *Instituto Francés de Estudios Andinos*. Ministerio de Relaciones Exteriores de Francia. Tomo 29, nº. 3, Lima, Peru, pp. 493-513. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/html/126/12629310/12629310.html>>. Acesso: 02/12/2010.
- DEGREGORI, Carlos Ivan. *El surgimento de Sendero Luminoso: Ayacucho 1969-1979*. Del movimiento por la gratuidad de la enseñanza al inicio de la lucha armada. 3ª.ed. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2010. (Série Ideologia y Política, 7).
- DOMINGUES, José Maurício. Os movimentos sociais latino-americanos: características e potencialidades. *Análise de Conjuntura OPISA*, nº2, Brasil, febrero, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/iuperj/domingues.pdf>> Acesso: 30/08/2010.
- DREYFUS, Pablo G. Sendero Luminoso: um caso de narcoterrorismo? Disponível em: <http://cendoc.esan.edu.pe/Pregado/guias/metodologia/terrorismo/ot-dreyfus.pdf>. Acesso: 25/03/2010.
- FERNÁNDEZ. Arturo. Estados, Movimientos Sociales y Sindicalismo en America Latina. *Em Pauta*. nº. 20, 2007. Disponível em: <<http://www.e-publicações.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/viewFile/162/187>>. Acesso: 30/08/2010

- GALVÃO, Andréia. Os movimentos sociais da América Latina em questão. *Debates*, Porto Alegre, vol.2, nº. 2, p.8-24, julho-dezembro. 2008. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/debates/articles/view/6436/4554>>. Acesso: 30/08/210.
- GALVÃO, Andréia. Ideologia e Política nos movimentos sociais da América Latina. *Congresso da Associação de Estudos Latino-Americano (LASA)*, Rio de Janeiro, 11 a 14 de junho de 2009.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 7ª ed. São Paulo: Loyola, 2008
- GORRITI, Gustavo. *Sendero: historia de la guerra milenaria en el Perú*. Lima: Planeta, 2008.
- GRANADOS, Manuel Jesús. O Sendero Luminoso: aproximações a sua história e ideologia. *Novos Estudos*, nº 19, dezembro 1987, pp. 46-67.
- HERTOGHE, Alain; LABROUSSE, Alain. *Sendero Luminoso Peru: uma reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- JULIARD, Jacques. A política. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre (org.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- KUSHNIR, Karina e CARNEIRO, Leandro Piquet. As Dimensões Subjetivas da Política: cultura política e antropologia da política. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vol. 13, N.24, 1999, p.227-250.
- LASAR, Marc. Forte et fragile, immuable et changeante. La culture politique communiste: BERTEIN, Serge (org) *Les culture politiques en France*. Par éditions Du seuil, 1999, p. 217.
- MARIATÉGUI, José Carlos. José Carlos Mariátegui: política. Manoel Lelo Belloto e Anna Maria Martinez Corrêa (orgs.) São Paulo: Ática, 1982 (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 27).
- MARIATÉGUI, José Carlos. *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. São Paulo: Expressão Popular: Clacso, 2008. (Coleção Pensamento Social Latino-Americano).
- MÉNDEZ, Cecilia. La tentación del olvido: guerra, nacionalismo e historia en el Perú. *Diálogos en história*. nº.2. Lima. 2000. pp. 231-248. Disponível em: <<http://www.cholonautas.edu.pe/modulo/upload/C%20Mendez.pdf>>. Acesso: 23/03/2010.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O conceito de cultura política. *Anais do X Encontro Regional da ANPUH/MG*. Mariana, 1996, pp.83-91.

- RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.
- ROJAS SAMANEZ, Alvaro. *Partidos Políticos en el Perú: manual e registro*. Lima: Centro de Documentación Andina, 1986.
- RONCAGLIOLO, Santiago. *La cuarta espada: La historia de Abimael Guzmán y Sendero Luminoso*. 5ª. ed. Buenos Aires: Debate, 2008.
- TOLA, Raúl. *Toque de queda*. Lima: Planeta, 2008.
- TOURAINÉ, Alain. Na fronteira dos movimentos sociais. *Sociedade e Estado*. vol.21, nº. 1, Brasília, janeiro-abril. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 30/08/2010.
- VARGAS LLOSA, Mario. *Contra viento y marea (III)*. Barcelona: Seix Barral, 1990.
- VARGAS LLOSA, Mario. *História de Mayta*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.
- VARGAS LLOSA, Mario. *Lituma nos Andes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

#### Páginas WEB

- Bandera Roja (<http://www.bandera-roja.com/>)
- Benedicto Jiménez ([http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la\\_captura.htm](http://www.benedictoinvestigador.8m.com/la_captura.htm))
- Comisión de la Verdad (<http://www.cverdad.org.pe.>)
- Sol Rojo (<http://www.solrojo.org>)
- Vídeos sobre o Sendero Luminoso: <[http://www.youtube.com/watch?v=EUr\\_3OLqBsw&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=EUr_3OLqBsw&feature=related)>.

#### Filmografia

- Coraje*: Direção: Alberto Chicho Durant (Peru, 1998)
- Estado de sitio: la verdad sobre el terrorismo*. Direção: Pamela Yates. (Peru, 2005)
- La boca del lobo*. Direção: Francisco J. Lombardi. (Peru/Espanha, 1988)
- Paloma de papel*. Direção: Fabrizio Aguilar. (Peru, 2003)